

OLAVO BILAC





SEGUNDA
PARTE

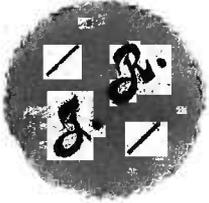
SONETOS

COMPLETOS

J. B.



Olavo Bilac



INDICE



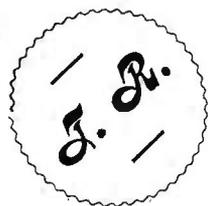
P A N O P L I A S .

A GONÇALVES DIAS.	4
GUERREIRA.	5
PARA A RAINHA D. AMELIA.	6
A SESTA DE NERO.	7
O INCENDIO DE ROMA.	8
LENDO A ILIADA.	9
MESSALINA.	10
A RONDA NOCTURNA.	11

§ §
§

V I A L A C T E A .

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via	14
Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,	15
Tantos esparsos vi profusamente	16
Como a floresta secular, sombria,	17
Dizem todos: "Outr'ora como as aves	18
Em mim tambem, que descuidado vistes,	19



Não têm faltado boccas de serpente	20
Em que céos mais azues, mais puros ares	21
De outras sei que se mostram menos frias,	22
Deixa que o olhar do mundo enfim devasse	23
Todos esses louvores, bem o viste,	24
Sonhei que me esperavas. E, sonhando,	25
"Ora (dizeis) ouvir estrellas ! Certo	27
Viver não pude sem que o fel provasse	28
Inda hoje, o livro do passado abrindo,	29
Lá fóra, a voz do vento ulule rouca !	30
Por estas noites frias e brumosas	31
Dormes... Mas que sussurro a humedecida	32
Sae a passeio, mal o dia nasce,	33
Olha-me ! O teu olhar sereno e brando	34
Sei que um dia não ha (e isso é bastante	35
Quando te leio, as scenas animadas	36
Laura ! dizes que Fabio anda offendido	37
Vejo-a, contemplo-a commovido... Aquella	38
Tu, que no pégo impuro das orgias	39
Quando cantas, minh'alma desprezando	40
Hontem — nescio que fui ! maliciosa	41
Pinta-me a curva d'estes céos... Agora,	42
Por tanto tempo, desvairado e afflicto,	43



Ao coração que soffre, separado	44
Longe de ti, se escuto, porventura,	45
Leio-te: - o pranto dos meus olhos rola: -	46
Como quizesse livre ser, deixando	47
Quando adivinha que vou vel-a, e á escada	48
Pouco me peza que mofeis sorrindo	49

§ §.

§

S A R Ç A S D E F O G O .

ABYSSUS.	53
NA THEBAIDA.	54
RIO ABAIXO.	55
QUARENTA ANNOS.	56
VESTIGIOS.	57
NO LIMIAR DA MORTE.	58
RIOS E PANTANOS.	59
SAHARA VITAE.	60
POMBA E CHACAL.	61
NO CARCERE.	62
OLHANDO A CORRENTE.	63



NEL MEZZO DEL CAMIN...

64

SOLITUDO.

65

§ §

§

A L M A I N Q U I E T A .

INANIA VERBA.

68

INCONTENTADO.

69

PRIMAVERA.

70

VIRGENS MORTAS.

71

IDA.

72

VANITAS.

73

VITA NUOVA.

74

DESTERRO.

75

PECCADOR.

76

SO' .

77

EM UMA TARDE DE OUTONO.

78

TEDIO.

79

A VOZ DO AMOR.

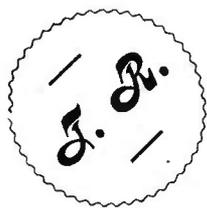
80

VELHAS ARVORES.

81

MALDIÇÃO.

83



ULTIMA PAGINA.

84

§ §
§

A S V I A G E N S .

I -- PRIMEIRA MIGRAÇÃO.	87
II -- OS PHENICIOS.	88
III --- ISRAEL.	89
IV -- ALEXANDRE.	90
V -- CEZAR.	91
VI --- OS BARBAROS.	92
VII -- AS CRUZADAS.	93
VIII -- AS INDIAS.	94
IX --- O BRASIL.	95
X-- O VOADOR.	96
XI -- O POLO.	97
XII --- A MORTE.	98

§ §
§



T A R D E .

HYMNO A' TARDE.	102
CYCLO.	103
PATRIA.	105
LINGUA PORTUGUEZA.	106
MUSICA BRAZILEIRA.	107
ANCHIETA.	108
CHAOS.	109
<u>DIZIAM QUE...</u>	
I -- OS MONSTROS.	111
II -- OS GOYAZIS.	112
III -- OS MATUYÚS.	113
IV -- OS CURINQUEANS.	114
V -- AS AMAZONAS.	115
O VALLE.	116
A MONTANHA.	117
OS RIOS.	118
AS ESTRELLAS.	119
AS NUVENS.	120
AS ARVORES.	121
AS ONDAS.	122



CREPUSCULO NA MATA.	123
SONATA AO CREPUSCULO.	124
O CREPUSCULO DA BELLEZA.	125
O CREPUSCULO DOS DEUSES.	126
MICROCOSMO.	127
DUALISMO.	128
DEFESA.	129
A UM TRISTE.	130
PESADELO.	131
A YARA.	132
RESURREIÇÃO.	134
BENEDICITE !	135
SPERATE, CREPERI !	136
RESPOSTAS NA SOMBRA.	137
<u>TRILOGIA:</u>	
I -- PROMETHEU.	138
II -- HERCULES.	139
III -- JESUS.	140
DANTE NO PARAISO.	141
BEETHOVEN SURDO.	142
MILTON CÉGO.	143
MIGUEL-ANGELO VELHO.	144
NO TRONCO DE GOA.	145



EDIPO:

I -- A PITHIA.	146
II -- A ESPHINGE.	147
III -- JOCASTA.	148
IV-- ANTIGONA.	151
MAGDALENA.	152
CLEOPATRA.	153
A VELHICE DE ASPASIA.	154
A RAINHA DE SABA'.	155
A MORTE DE ORPHEU.	156
GIOCONDA.	157
NATAL.	158
AOS MEUS AMIGOS DE SÃO PAULO.	160
A UM POETA.	161
VILLA-RICA.	162
NEW-YORK.	163
ULTIMO CARNAVAL.	164
FOGO FATUO.	165
INNOCENCIA.	160
REMORSO.	167
MILAGRE.	169
A CILADA.	170
PERFEIÇÃO.	171



MESSIDORO.	172
SAMARITANA.	173
UM BEIJO.	174
CRIAÇÃO.	175
MATERNIDADE.	176
OS AMORES DA ARANHA.	177
OS AMORES DA ABELHA.	178
SEMPER IMPENDET...	179
O OITAVO PECCADO.	180
SALUTARIS PORTA.	181
ASSOMBRAÇÃO.	182
PALMEIRA IMPERIAL.	183
DIAMANTE NEGRO.	184
PALAVRAS.	185
MARCHA FUNEBRE.	186
O TEAR.	187
O COMETA.	188
DIALOGO.	189
AVATARA.	190
ABSTRACÇÃO.	191
CANTILENA.	192
SONHO.	193
RUTH.	194



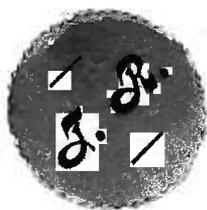
ABISAG.	195
ESTUARIO.	196
CONSOLAÇÃO.	197
PENETRALIA.	198
PRECE.	199
ORAÇÃO A CYBELE.	200
EUTHANASIA.	201
INTROITO.	202
VULNERANT OMNES, ULTIMA NECAT.	203
FRUCTIDORO.	204
AOS SINOS.	205
SYMPHONIA.	206

§ §
§

FÓ R A D O S L I V R O S .

DO POEMA "B R A S I L" — TERRA !	208
MANHÃ DE MAIO.	209
NO ALBUM DE Mlle. ISABEL PEREIRA.	210

~~~~~  
~~~~~  
~~~~~  
~



# "Philharmonica Flôr do Parnaso"

—...—

No Sylvestre, em  
26 de Dezembro de 1899  
dia do anniversario de

Olavo Bilac

- |                  |                          |
|------------------|--------------------------|
| 1-Placido Junior | 5-Henrique Hollanda      |
| 2-Olavo Bilac    | 6-Dr. A. Pederneiras     |
| 3-Coelho Netto   | 7-Alvares de A. Sobrinho |
| 4-Leoncio Corrêa | 8-Pedro Rabello          |
| 9-Arthur Azevedo |                          |



Philarmônica "Flor do Páramo"



# PANOPTIAS



A G O N Ç A L V E S D I A S .

Celebraste o dominio soberano  
Das grandes tribus, o tropel fremente  
Da guerra bruta, o entrechocar insano  
Dos tacapes vibrados rijamente,

O maracá e as flechas, o estridente  
Troar da inubia, e o kanitar indiano...  
E, eternisando o povo americano,  
Vives eterno em teu poema ingente.

Estes revoltos, largos rios, estas  
Zonas fecundas, estas seculares  
Verdejantes e amplissimas florestas

Guardam teu nome: e a lyra que pulsaste  
Inda se escuta, a derramar nos ares  
O estridor das batalhas que contaste.



G U E R R E I R A .

E' a incarnação do mal; Pulsa-lhe o peito  
Ermo de amor, deserto de piedade...  
Tem o olhar de uma deusa e o altivo aspeito  
Das cruentas guerreiras de outra idade.

O labio ao rictus do sarcasmo affeito  
Crispa-se-lhe num riso de maldade,  
Quando, talvez, as pompas, com despeito,  
Recorda da perdida magestade.

E assim, com o seio ancioso, o porte erguido,  
Córada a face , a ruiva cabelleira  
Sobre as amplas espaldas derramada,

Faltam-lhe apenas a sangrenta espada  
Inda rubra da guerra derradeira,  
E o capacete de metal polido.



6

P A R A   A   R A I N H A  
D O N A   A M E L I A   D E   P O R T U G A L

Um rude resplendor, de rude brilho, touca  
E nimba o teu escudo, em que as quinas e a esfera  
Guardam, ó Portugal ! a tua gloria austera,  
Feita de louco heroismo e de aventura louca.

Vêr esse escudo é vêr a Terra toda, pouca  
Para a tua ambição; é vêr Affonso, á espera  
Dos Mouros, em Ourique; e, em redor da galera  
Do Gama, ouvir do mar a voz bramante e rouca...

Mas no vosso braço, Borgonha ! Aviz ! Bragança !  
De ouro e ferro, encerrando o orgulho da conquista,  
Faltava a suavidade e o encanto de uma flôr;

E eis sobre elle pairando o alvo lirio de França,  
Que lhe deu, flôr humana, alma gentil de artista,  
Um sorriso de graça e um perfume de amor...



A SESTA DE NERO .

Fulge de luz banhado, esplendido e sumptuoso,  
O palacio imperial de porphyro luzente  
E marmor da Laconia. O tecto caprichoso  
Mostra, em prata incrustado, o nacar do Oriente.

Nero no tóro eburneo estende-se indolente...  
Gemma em profusão do estragulo custoso  
De ouro bordado vêm-se. O olhar deslumbra, ardente,  
Da purpura da Thracia o brilho esplendoroso.

Formosa ancilla canta. A aurilavrada lyra  
Em suas mãos soluça. Os ares perfumando,  
Arde a myrrha da Arabia em rescendente pyra.

Fórmãs quebram, dansando, escravas em choréa...  
E Nero dorme e sonha, a fronte reclinando  
Nos alvos seios nús da lubrica Poppéa.



O INCENDIO DE ROMA .

Raiva o incendio. A ruir, soltas, desconjunctadas,  
As muralhas de pedra, o espaço adormecido  
De echo em echo acordando ao medonho estampido,  
Como a um sopro fatal, rolam esphaceladas.

E os templos, os museus, o Capitolio erguido  
Em marmor phrygio, o Fôro, as erectas arcadas  
Dos aqueductos, tudo as garras inflammadas  
Do incendio cingem, tudo esbrôa-se partido.

Longe, reverbando o clarão purpurino,  
Arde em chammas o Tibre e accende-se o horizonte...  
— Impassivel, porém, no alto do Palatino,

Nero, com o manto grego ondeando ao hombro, assoma  
Entre os libertos, e ebrio, engrinaldada a fronte,  
Lyra em punho, celebra a destruição de Roma.



LEND O A ILIADA .

Eil-o, o poema de assombros, céu cortado  
 De relampagos, onde a alma potente  
 De Homero vive, e vive eternisado  
 O espantoso poder da argiva gente.

Arde Troya... De rastos passa atado  
 O heróe ao carro do rival, e, ardente,  
 Bate o sol sobre um mar illimitado  
 De capacetes e de sangue quente.

Mais que as armas, porém, mais que a batalha,  
 Mais que os incendios, brilha o amor que ateia  
 O odio e entre os povos a discordia espalha:

— Esse amor que ora activa, ora asserena  
 A guerra, e o heroico Páris encadeia  
 Aos curvos seios da formosa Helena.



M E S S A L I N A .

Recordo, ao vêr-te, as epochas sombrias  
Do passado. Minh'alma se transporta  
A' Roma antiga, e da cidade morta  
Dos Cesares reanima as cinzas frias;

Triclinios e vivendas luzidias  
Percorre; pára de Suburra á porta,  
E o confuso clamor escuta, absorta,  
Das desvairadas e febris orgias.

Ahi, num throno erecto sobre a ruina  
De um povo inteiro, tendo á frente impura  
O diadema imperial de Messalina,

Vejo-te bella, estatua da loucura !  
Erguendo-no ar a mão nervosa e fina,  
Tinta de sangue, que um punhal segura.



A R O N D A N O C T U R N A .

Noite cerrada, tormentosa, escura,  
Lá fóra. Dorme em trevas o convento.  
Queda immo o arvoredo. Não fulgura  
Uma estrella no torvo firmamento.

Dentro é tudo mudez. Flebil murmura,  
De espaço a espaço, emtanto, a voz do vento:  
E ha um rasgar de sudarios pela altura,  
Passo de espectros pelo pavimento...

Mas, de subito, os gonzos das pesadas  
Portas rangem... Echôa surdamente  
Leve rumor de vozes abafadas.

E, ao clarão de uma lampada tremente,  
Do claustro sob as tacitas arcadas  
Passa a ronda nocturna, lentamente...



*Grupo antigo, em que se vêem o Dr. Paranhos Pederneiras, Arthur Azevedo, Alcezes de Azevedo S., Olavo Bilac, Pedro Rabello, Plácido Junior, Coelho Netto, Lencio Corcia e Henrique Hollanda, sendo estes tres ultimos os unicos sobreviventes. Fomos encontrar o precioso original no gabinete de trabalho do nosso confrade Abelardo Pardal.*

NO SYLVESTRE, EM 26 DE DEZEMBRO DE 1899, DIA  
DO ANNIVERSARIO NATALICIO DE OLAVO BILAC.

J. B.



*Grupo antigo, em que se vêm o Dr. Paranhos Pederneiras, Arthur Azevedo, Alvares de Azevedo S<sup>o</sup>., Olavo Bilac, Pedro Rabello, Placido Junior, Coelho Netto, Leoncio Coreia e Henrique Hollanda, sendo estes tres ultimos os unicos sobreviventes. Fomos encontrar o precioso original no gabinete de trabalho do nosso confrade Abelardo Pardal.*

NO SYLVESTRE, EM 26 DE DEZEMBRO DE 1899, DIA  
DO ANNIVERSARIO NATALICIO DE OLAVO BILAC.



**VIA LACTEA**



- I -

Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via  
Que, aos raios do luar illuminada,  
Entre as estrellas tremulas subia  
Uma infinita e scintillante escada.

E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada  
Degráo, que o ouro mais limpido vestia,  
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada,  
Resoante de supplicas, feria...

Tu, mãe sagrada ! vós tambem, formosas  
Illusões ! sonhos meus ! ieis por ella  
Como um bando de sombras vaporosas.

E, ó meu amor ! eu te buscava, quando  
Vi que no alto surgias, calma e bella,  
O olhar celeste para o meu baixando...



- II -

Tudo ouvirás, pois que, bondosa e pura,  
Me ouves agora com melhor ouvido:  
Toda a anciedade, todo o mal soffrido  
Em silencio, na antiga desventura...

Hoje, quero, em teus braços acolhido,  
Revêr a estrada pavorosa e escura  
Onde, ladeando o abysmo da loucura,  
Andei de pesadelos perseguido.

Olha-a: torce-se toda na infinita  
Volta dos sete circulos do inferno...  
E nota aquelle vulto: as mãos eleva,

Tropeça, cáe, soluça, arqueja, grita,  
Buscando um coração que foge, e eterno  
Ouvindo-o perto palpitar na treva.



- III -

Tantos esparsos vi profusamente  
Pelo caminho que, a chorar, trilhava !  
Tantos havia, tantos ! E eu passava  
Por todos elles frio e indifferente...

Emfim ! emfim ! pude com a mão tremente  
Achar na treva aquelle que buscava...  
Porque fugias, quando eu te chamava,  
Cego e triste, tacteando, anciosamente ?

Vim de longe, seguindo de erro em erro,  
Teu fugitivo coração buscando  
E vendo apenas corações de ferro.

Pude, porém, tocal-o soluçando...  
E hoje, feliz, dentro do meu o encerro,  
E ouço-o, feliz, dentro do meu pulsando.



- IV -

Como a floresta secular, sombria,  
Virgem do passo humano e do machado,  
Onde apenas, horrendo, echôa o brado  
Do tigre, e cuja agreste ramaria

Não atravessa nunca a luz do dia,  
Assim também, da luz do amor privado,  
Tinhas o coração ermo e fechado,  
Como a floresta secular, sombria...

Hoje, entre os ramos, a canção sonora  
Soltam festivamente os passarinhos.  
Tinge o cimo das arvores a aurora...

Palpitam flores, estremeceem ninhos...  
E o sol do amor, que não entrava outr'ora,  
Entra dourando a areia dos caminhos.



- V -

Dizem todos: "Outr'ora como as aves  
 "Inquieta, como as aves tagarela,  
 "E hoje... que tens ? Que sizudez revela  
 "Teu ar ! que idéas e que modos graves !

"Que tens, para que em pranto os olhos laves ?

"Sê mais risonha, que serás mais bella !"

Dizem. Mas no silencio e na cautela  
 Ficas firme e trancada a sete chaves...

E um diz: "Tolices, nada mais !" Murmura

Outro: Caprichos de mulher faceira !"

E todos elles afinal: "Loucura !"

Cegos que vos cançoes a interrogal-a !

Vêl-a bastava; que a paixão primeira

Não pela voz, mas pelos olhos fala.



- VI -

Em mim tambem, que descuidado vistes,  
Encantado e augmentando o proprio encanto,  
Tereis notado que outras cousas canto  
Muito diversas das que outr'ora ouvistes.

Mas amastes, sem duvida... Portanto,  
Meditae nas tristezas que sentistes:  
Que eu, por mim, não conheço cousas tristes,  
Que mais afflijam, que torturem tanto.

Quem ama inventa as penas em que vive:  
E, em logar de acalmar as penas, antes  
Busca novo pezar com que as avive.

Pois sabei que é por isso que assim ando:  
Que é dos loucos sómente e dos amantes  
Na maior alegria andar chorando.



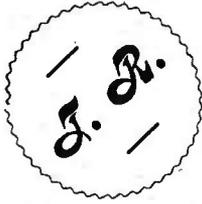
## - VII -

Não têm faltado boccas de serpentes,  
(D'essas que amam falar de todo o mundo,  
E a todo o mundo ferem, maldizentes)  
Que digam: "Mata o teu amor profundo !

"Abafa-o, que teus passos imprudentes  
"Te vão levando a um pélago sem fundo...  
"Vaes te perder !" E, arreganhando os dentes,  
Movem para o teu lado o olhar immundo:

"Se ella é tão pobre, se não tem belleza,  
"Irás deixar a gloria desprezada  
"E os prazeres perdidos por tão pouco ?

"Pensa mais no futuro e na riqueza !"  
E eu penso que afinal... Não penso nada:  
Penso apenas que te amo como um louco !



- VIII -

Em que céos mais azues, mais puros ares,  
Vôa pomba mais pura ? Em que sombria  
Moita mais nivea flôr acaricia,  
A' noite, a luz dos limpidos luares ?

Vives assim, como a corrente fria,  
Que, intemerata, aos tremulos olhares  
Das estrellas e á sombra dos palmares,  
Corta o seio das mattas, erradia.

E envolvida de tua virgindade,  
De teu pudor na candida armadura,  
Foges o amor, guardando a castidade,

— Como as montanhas, nos espaços francos  
Erguendo os altos pincaros, a alvura  
Guardam da neve que lhes cobre os flancos.



## - IX -

De outras sei que se mostram menos frias,  
Amando menos do que amar pareces.  
Usam todas de lagrimas e preces:  
Tu de acerbas risadas e ironias.

De modo tal minha atenção desvias,  
Com tal pericia meu engano teces,  
Que, se gelado o coração tivesses,  
Certo, querida, mais ardor terias.

Olho-te: cega ao meu olhar te fazes...  
Falo-te — e com que fogo a voz levanto ! —  
Em vão... Finges-te surda ás minhas phrases...

Surda: e nem ouves meu amargo pranto !  
Cega: e nem vês a nova dôr que trazes  
A' dôr antiga que doía tanto !



- X -

Deixa que o olhar do mundo emfim devasse  
Teu grande amor que é teu maior segredo !  
Que terias perdido, se, mais cedo,  
Todo o affecto que sentes se mostrasse ?

Basta de enganos ! Mostra-me sem medo  
Aos homens, affrontando-os face a face:  
Quero que os homens todos, quando eu passe,  
Invejosos, apontem-me com o dedo.

Olha: não posso mais ! Ando tão cheio  
D'este amor, que minh'alma se consome  
De te exaltar aos olhos do universo...

Ouçõ em tudo teu nome, em tudo o leio:  
E, fatigado de calar teu nome,  
Quasi o revelo no final de um verso.



- XI -

Todos esses louvores, bem o viste,  
Não conseguiram demudar-me o aspecto:  
Só me turbou esse louvor discreto  
Que no volver dos olhos traduziste...

Inda bem que entendeste o meu affecto  
E, atravez d'estas rimas, presentiste  
Meu coração que palpitava, triste,  
E o mal que havia dentro em mim secreto.

Ai de mim, se de lagrimas inuteis  
Estes versos banhasse, ambicionando  
Das nescias turbas os applausos futeis !

Dou-me por pago, se um olhar lhes déres:  
Fil-os pensando em ti, fil-os pensando  
Na mais pura de todas as mulheres.



## Ouvir estrelas

"Ora (dizeis) ouvir estrelas!... Certo  
Perdeste o senso!" E eu vos direi, no entanto,  
Se, para ouvir-as, muita vez desperto,  
E abro as janelas, pallido de espanto.

E conversamos toda a noite, enquanto  
A Via Lactea, como um pallio aberto,  
Sciintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,  
Váda ao prouro pelo céo deserto...

Dizeis agora: "Trolouzado amigo!  
Sees conversas com ellas? Sees sentido  
Tem o que dizem, quando estas contigo?"

E eu vos direi: "Amas para entendel-as!  
Poís só quem ama pôde ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas!"

Olavopilar

J. B.

## Ouvir estrelas

"Ora (dizeis) ouvir estrelas!... Certo  
Perdeste o senex!" E eu vos direi, no entanto,  
Sees, para ouvil-as, muita vez desporto,  
E abro as janellas, pallido de espanto.

E conversamos toda a noite, enquanto  
A Via Lactea, como um pallio aberto,  
Scintilla. E, ao vir o sol, saudoso e em pranto,  
Vnda ao proouro pelo céo deserto...

Dizeis agora: "Insoluado amigo!  
Sees conversas com ellas? Sees sentido  
Tem o que dizem, quando estas contigo?"

E eu vos direi: "Amae para entendel-as!  
Poís ós queen ama jôde ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas!"

Olavo Bilac



- XIII -

"Ora (dizeis) ouvir estrelas ! Certo  
Perdeste o senso !" E eu vos direi, no entanto,  
Que, para ouvil-as, muita vez desperto  
E abro as janelas, pallido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto  
A via lactea, como um pallio aberto,  
Scintilla. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,  
Inda as procuro pelo céo deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo !  
Que conversas com ellas ? Que sentido  
Tem o que dizem, quando estão contigo ?"

E eu vos direi: "Amae para entendel-as !  
Pois só quem ama póde ter ouvido  
Capaz de ouvir e de entender estrelas."



## - XIV -

Viver não pude sem que o fel provasse  
 D'esse outro amor que nos perverte e engana:  
 Porque homem sou, e homem não ha que passe  
 Virgem de todo pela vida humana.

Porque tanta serpente atra e profana  
 Dentro d'alma deixei que se aninhasse ?  
 Porque, abrazado de uma sêde insana,  
 A impuros labios entreguei a face ?

Depois dos labios sefregos e ardentes,  
 Senti — duro castigo aos meus desejos —  
 O gume fino de perversos dentes...

E não posso das faces polluidas  
 Apagar os vestigios d'esses beijos  
 E os sangrentos signaes d'essas feridas !



- XV -

Inda hoje, o livro do passado abrindo,  
Lembro-as e punge-me a lembrança d'ellas;  
Lembro-as, e vejo-as, como as vi partindo,  
Estas cantando, soluçando aquellas.

Umás, de meigo olhar piedoso e lindo,  
Sob as rosas de neve das capellas;  
Outras, de labios de coral, sorrindo,  
Desnudo o seio, lubricas e bellas...

Todas, formosas como tu, chegaram,  
Partiram... e, ao partir, dentro em meu seio  
Todo o veneno da paixão deixaram.

Mas, ah! nenhuma teve o teu encanto,  
Nem teve olhar como esse olhar, tão cheio  
De luz tão viva, que abrazasse tanto !



- XVI -

Lá fóra, a voz do vento ulule rouca !  
Tu, a cabeça no meu hombro inclina,  
E essa bocca vermelha e pequenina  
Approxima, a sorrir, de minha bocca !

Que eu a fronte repouse anciosa e louca  
Em teu seio, mais alvo que a neblina  
Que, nas manhãs hiemaes, humida e fina,  
Da serra as grimpas verdejantes touca !

Sólta as tranças agora, como um manto !  
Canta ! Embala-me o somno com teu canto !  
E eu, aos raios tranquillos d'esse olhar,

Possa dormir sereno, como o rio  
Que, em noites calmas, socegado e frio,  
Dorme aos raios de prata do luar !...



- XVII -

Por estas noites frias e brumosas  
E' que melhor se póde amar, querida !  
Nem uma estrella pallida, perdida  
Entre a nevoa, abre as palpebras medrosas...

Mas um perfume calido de rosas  
Corre a face da terra adormecida...  
E a nevoa cresce, e, em grupos repartida,  
Enche os ares de sombras vaporosas:

Sombras errantes, corpos nús, ardentes  
Carnes lascivas... um rumor vibrante  
De attritos longos e de beijos quentes...

E os céos se estendem, palpitando, cheios  
Da tepida brancura fulgurante  
De um turbilhão de braços e de seios.



- XVIII -

Dormes... Mas que sussurro a humedecida  
 Terra desperta ? Que rumor enleva  
 As estrellas, que no alto a Noite leva  
 Prezas, luzindo, á tunica estendida ?

São meus versos ! Palpita a minha vida  
 Nelles, phalenas que a saudade eleva  
 De meu seio, e que vão, rompendo a treva,  
 Encher teus sonhos, pomba adormecida !

Dormes, com os seios nús, no travesseiro  
 Solto o cabello negro... e eilo-os, correndo,  
 Doudejantes, subtis, teu corpo inteiro...

Beijam-te a bocca tepida e macia,  
 Sobem, descem, teu halito sorvendo...  
 Porque surge tão cedo a luz do dia ? !...



- XIX -

Sae a passeio, mal o dia nasce,  
Bella, nas simples roupas vaporosas;  
E mostra ás rosas do jardim as rosas  
Frescas e puras que possúe na face.

Passa. E todo o jardim, por que ella passe,  
Atavia-se. Ha falas mysteriosas  
Pelas moitas, saudando-a respeitosas...  
E' como se uma sylphide passasse !

E a luz cerca-a, beijando-a. O vento é um choro...  
Curvam-se as flores tremulas... O bando  
Das aves todas vem saudal-a em côro...

E ella vae, dando ao sol o rosto brando,  
A's aves dando o olhar, ao vento o louro  
Cabello, e ás flores os sorrisos dando...



- XX -

Olha-me ! O teu olhar sereno e brando  
Entra-me o peito, como um largo rio  
De ondas de ouro e de luz, limpido, entrando  
O ermo de um bosque tenebroso e frio.

Fala-me ! Em grupos doudejantes, quando  
Falas, por noites calidas de estio,  
As estrellas accendem-se, radiando,  
Altas, semeadas pelo céo sombrio.

Olha-me assim ! Fala-me assim ! De pranto  
Agora, agora de ternura cheia,  
Abre em chispas de fogo essa pupilla...

E enquanto eu ardo em sua luz, enquanto  
Em seu fulgor me abraço, uma sereia  
Soluce e cante nessa voz tranquilla !



- XXI -

A minha mãe.

Sei que um dia não ha ( e isso é bastante  
A esta saudade, mãe !) em que a teu lado  
Sentir não julgues minha sombra errante,  
Passo a passo a seguir teu vulto amado.

— Minha mãe ! minha mãe ! — a cada instante  
Ouves. Volves, em lagrimas banhado,  
O rosto, conhecendo soluçante  
Minha voz e meu passo costumado.

E sentes alta noite no teu leito  
Minh'alma na tua alma repousando,  
Repousando meu peito no teu peito...

E encho os teus sonhos, em teus sonhos brilho,  
E abres os braços tremulos, chorando,  
Para nos braços apertar teu filho !



- XXIII -

De Calderon .

Laura ! dizes que Fabio anda offendido  
E, apesar de offendido, namorado,  
Buscando a extincta chamma do passado  
Nas cinzas frias avivar do olvido.

Vá que o faça, e que o faça por perdido  
De amor... Creio que o faz por despeitado:  
Porque o amor, uma vez abandonado,  
Não torna a ser o que já tinha sido.

Não lhe creias nos olhos nem na bocca,  
Inda mesmo que os vejas, como pensas,  
Mentir caricias, desmentir tristezas...

Porque finezas sobre arrufos, louca,  
Finezas podem ser; mas, sobre offensas,  
Mais parecem vinganças que finezas.



- XXIV -

A Luiz Guimarães.

Vejo-a, contemplo-a commovido... Aquella  
 Que amaste, e, de teus braços arrancada,  
 Desceu da morte a tenebrosa escada,  
 Calma e pura aos meus olhos se revela.

Vejo-lhe o riso placido, a singela  
 Feição, aquella graça delicada,  
 Que uma divina mão deixou vasada  
 No eterno bronze, eternamente bella.

Só lhe não vejo o olhar sereno e triste:  
 — Céu, poeta, onde as azas, suspirando,  
 Chorando e rindo loucamente abriste...

— Céu povoado de estrellas, onde as hordas  
 Dos archanjos cruzavam-se, pulsando  
 Das lyras de ouro as gemedoras cordas...



- XXV -

A Bocage .

Tu, que no pégo impuro das orgias  
Mergulhavas ancioso e descontente,  
E, quando á tona vinhas de repente,  
Cheias as mãos de perolas trazias;

Tu, que do amor e pelo amor vivias,  
E que, como de limpida nascente,  
Dos labios e dos olhos a torrente  
Dos versos e das lagrimas vertias;

Mestre querido ! viverás, emquanto  
Houver quem pulse o magico instrumento,  
E preze a lingua que prezavas tanto:

E emquanto houver num canto do universo  
Quem ame e soffra, e amor e soffrimento  
Saiba, chorando, traduzir no verso.



- XXVI -

Quando cantas, minh'alma desprezando  
O envolucro do corpo, ascende ás bellas  
Altas espheras de ouro, e, acima d'ellas,  
Ouve archanjos as citharas pulsando.

Corre os paizes longes, que revelas  
Ao som divino do teu canto: e, quando  
Baixas a voz, ella tambem, chorando,  
Desce, entre os claros grupos das estrellas.

E expira a tua voz. Do paraiso,  
A que subira ouvindo-te, cahido,  
Fico a fitar-te pallido, indeciso...

E enquanto scismas, sorridente e casta,  
A teus pés, como um passaro ferido,  
Toda a minh'alma tremula se arrasta...



- XXVII -

Hontem — nescio que fui ! — maliciosa  
Disse uma estrella, a rir, na immensa altura:

"Amigo ! uma de nós, a mais formosa  
"De todas nós, a mais formosa e pura,

"Faz annos amanhã... Vamos ! procura  
"A rima de ouro mais brilhante, a rosa  
"De côr mais viva e de maior frescura !"  
E eu murmurei commigo: "Mentirosa !"

E segui. Pois tão cego fui por ellas,  
Que, emfim, curado pelos seus enganos,  
Já não creio em nenhuma das estrellas...

E — mal de mim ! — eis-me, a teus pés, em pranto...  
Olha: se nada fiz para os teus annos,  
Culpa as tuas irmãs que enganam tanto !



- XXVIII -

Pinta-me a curva d'estes céos... Agora,  
 Erecta, ao fundo, a cordilheira apruma:  
 Pinta as nuvens de fogo de uma em uma,  
 E alto, entre as nuvens, o raiar da aurora.

Sólta, ondulando, os véos de espessa bruma,  
 E o valle pinta, e, pelo valle em fóra,  
 A correnteza turbida e sonora  
 Do Parahyba, em torvelins de espuma.

Pinta; mas vê de que maneira pintas...  
 Antes busques as côres da tristeza,  
 Pougando o escritorio das alegres tintas:

— Tristeza singular, estranha magua  
 De que vejo coberta a natureza,  
 Porque a vejo com os olhos rasos d'agua...



- XXIX -

Por tanto tempo, desvairado e afflicto,  
Fitei naquella noite o firmamento,  
Que inda hoje mesmo, quando acaso o fito,  
Tudo aquillo me vem ao pensamento.

Sahi, no peito o derradeiro grito  
Calcando a custo, sem chorar, violento...  
E o céo fulgia placido e infinito,  
E havia um choro no rumor do vento...

Piedoso céo, que a minha dôr sentiste !  
A aurea esphera da lua o occaso entrava,  
Rompendo as leves nuvens transparentes;

E sobre mim, silenciosa e triste,  
A via-lactea se desenrolava  
Como um jorro de lagrimas ardentes.



- XXX -

Ao coração que sofre, separado  
Do teu, no exílio em que a chorar me vejo,  
Não basta o affecto simples e sagrado  
Com que das desventuras me protejo.

Não me basta saber que sou amado,  
Nem só desejo o teu amor: desejo  
Ter nos braços teu corpo delicado,  
Ter na bocca a doçura de teu beijo.

E as justas ambições que me consomem  
Não me envergonham: pois maior baixeza  
Não ha que a terra pelo céu trocar;

E mais eleva o coração de um homem  
Ser de homem sempre e, na maior pureza,  
Ficar na terra e humanamente amar.



- XXXI -

Longe de ti, se escuto, porventura,  
Teu nome, que uma bocca indifferente  
Entre outros nomes de mulher murmura,  
Sobe-me o pranto aos olhos, de repente...

Tal aquelle, que, misero, a tortura  
Soffre de amargo exilio, e tristemente  
A linguagem natal, maviosa e pura,  
Ouve falada por estranha gente...

Porque teu nome é para mim o nome  
De uma patria distante e idolatrada,  
Cuja saudade ardente me consome:

E ouvil-o é vêr a eterna primavera  
E a eterna luz da terra abençoada,  
Onde, entre flores, teu amor me espera.



- XXXII -

A um poeta.

Leio-te: — o pranto dos meus olhos rola: —  
— Do seu cabelo o delicado cheiro,  
Da sua voz o timbre prazenteiro,  
Tudo do livro sinto que se evola...

Todo o nosso romance: — a doce esmola  
Do seu primeiro olhar, o seu primeiro  
Sorriso, — neste poema verdadeiro,  
Tudo ao meu triste olhar se desenrola.

Sinto animar-se todo o meu passado:  
E quanto mais as paginas folheio,  
Mas vejo em tudo aquelle vulto amado.

Ouçõ junto de mim bater-lhe o seio,  
E cuido vêl-a, placida, a meu lado,  
Lendo commigo a pagina que leio.



- XXXIII -

Como quizesse livre ser, deixando  
As paragens nataes, espaço em fóra,  
A ave, ao bafejo tepido da aurora,  
Abriu as azas e partiu cantando.

Estranhos climas, longes céos, cortando  
Nuvens e nuvens, percorreu: e, agora,  
Que morre o sol, suspende o vôo, e chora,  
E chora, a vida antiga recordando...

E logo, o olhar volvendo compungido  
Atraz, volta saudosa do carinho,  
Do calor da primeira habitação...

Assim por largo tempo andei perdido:

— Ah ! que alegria vêr de novo o ninho,  
Vêr-te, e beijar-te a pequenina mão !



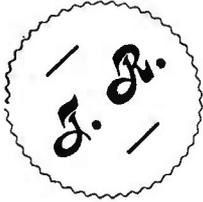
- XXXIV -

Quando adivinha que vou vê-la, e á escada  
Ouve-me a voz e o meu andar conhece,  
Fica pallida, assusta-se, estremece,  
E não sei porque foge envergonhada.

Volta depois. A' porta, alvoroçada,  
Sorrindo, em fogo as faces, apparece:  
E talvez entendendo a muda prece  
De meus olhos, adianta-se apressada.

Corre, delira, multiplica os passos;  
E o chão, sob os seus passos murmurando,  
Segue-a de um hymno, de um rumor de festa...

E ah ! que desejo de a tomar nos braços,  
O movimento rapido sustando  
Das duas azas que a paixão lhe empresta.



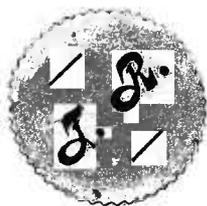
- XXXV -

Pouco me peza que mofeis sorrindo  
 D'estes versos purissimos e santos:  
 Porque, nisto de amor e intimos prantos,  
 Dos louvores do publico prescindo.

Homens de bronze ! um haverá, de tantos,  
 (Talvez um só) que, esta paixão sentindo,  
 Aqui demore o olhar, vendo e medindo  
 O alcance e o sentimento d'estes cantos.

Será esse o meu publico. E, de certo,  
 Esse dirá: "Póde viver tranquillo  
 Quem assim ama, sendo assim amado !"

E, tremulo, de lagrimas coberto,  
 Ha-de estimar quem lhe contou aquillo  
 Que nunca ouviu com tanto ardor contado.

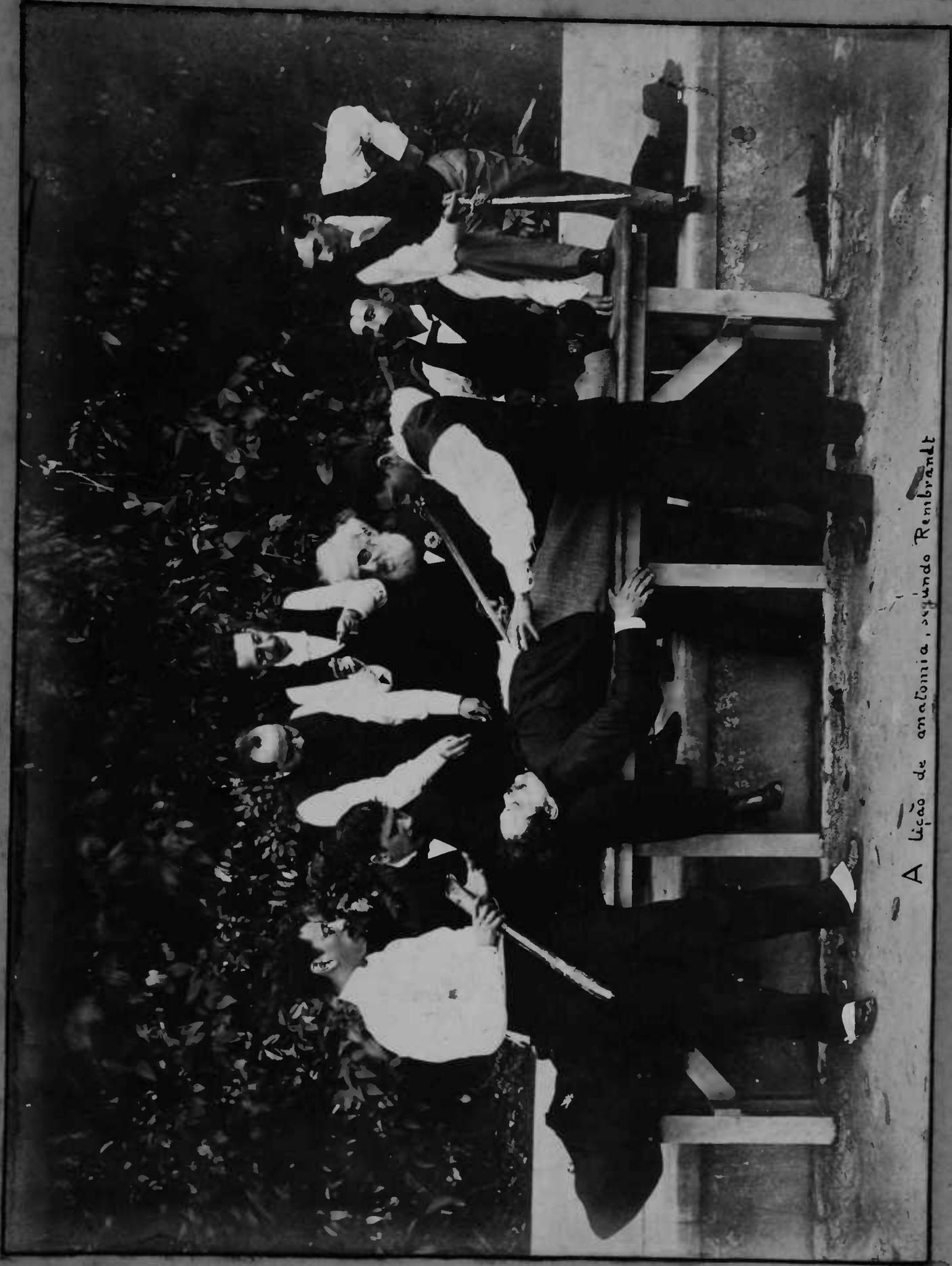


A lição de anatomia, segundo  
Rembrandt



No Sylvestre, em  
26 de Dezembro de 1899  
dia do anniversario de  
Olavo Bilac





A lição de anatomia, segundo Rembrandt



# SARCAS DE FOGO



A B Y S S U S .

Bella e traidora ! Beijas e assassinas...  
 Quem te vê não tem forças que te opponha:  
 Ama-te, e dorme no teu seio, e sonha,  
 E, quando acorda, acorda feito em ruinas...

Seduzes, e convidas, e fascinas,  
 Como o abysmo que, perfido, a medonha  
 Fauce apresenta flórida e risonha,  
 Tapetada de rosas e boninas.

O viajor, vendo as flores, fatigado  
 Foge o sol, e, deixando a estrada poenta,  
 Avança incauto... Subito, esbroado,

Falta-lhe o solo aos pés: recúa e corre,  
 Vacilla e grita, luta e se ensanguenta,  
 E rola, e tomba, e se espedaça, e morre...



NA THEBAIDA .

Chegas, com os olhos humidos, tremente  
A voz, os seios nús, — como a rainha  
Que ao ermo frio da Thebaida vinha  
Trazer a tentação do amor ardente.

Luto: porém teu corpo se avizinha  
Do meu, e o enlaça como uma serpente...  
Fujo: porém a bocca prendes, quente,  
Cheia de beijos, palpitante, á minha...

Beija mais, que o teu beijo me incendeia !  
Aperta os braços mais ! que eu tenha a morte,  
Preso nos laços de prisão tão doce !

Aperta os braços mais, — fragil cadeia  
Que tanta força tem não sendo forte,  
E prende mais que se de ferro fosse !



R I O   A B A I X O .

Treme o rio, a rolar, de vaga em vaga...  
 Quasi noite. Ao sabor do curso lento  
 Da agua, que as margens em redor alaga,  
 Seguimos. Curva os bambuaes o vento.

Vivo ha pouco, de purpura, sangrento,  
 Desmaia agora o occaso. A noite apaga  
 A derradeira luz do firmamento...  
 Rola o rio, a tremer, de vaga em vaga.

Um silencio tristissimo por tudo  
 Se espalha. Mas a lua lentamente  
 Surge na fimbria do horizonte mudo:

E o seu reflexo pallido, embebido  
 Como um gladio de prata na corrente,  
 Rasga o seio do rio adormecido.



Q U A R E N T A   A N N O S .

Sim ! como um dia de verão, de accessa  
Luz, de accesos e calidos fulgores,  
Como os sorrisos da estação das flores,  
Foi passando tambem tua belleza.

Hoje, das garras da descrença preza,  
Perdes as illusões. Vão-se-te as côres  
Da face. E entram-te n'alma os dissabores,  
Nublam-te o olhar as sombras da tristeza.

Expira a primavera. O sol fulgura  
Com o brilho extremo... E ahi vêm as noites frias,  
Ahi vem o inverno da velhice escura...

Ah ! pudesse eu fazer, novo Ezequias,  
Que o sol poente d'essa formosura  
Volvesse á aurora dos primeiros dias !



V E S T I G I O S .

Foram-te os annos consumindo aquella  
Belleza outr'ora viva e hoje perdida...  
Porém teu rosto da passada vida  
Inda uns vestigios tremulos revela.

Assim, dos rudes furacões batida,  
Velha, exposta aos furores da procella,  
Uma arvore de pé, serena e bella,  
Inda se ostenta, na floresta erguida.

Raivoso o raio a lasca, e a estala, e a fende...  
Racha-lhe o tronco annoso... Mas, em cima,  
Verde folhagem triumphal se estende.

Mal segura no chão, vacilla... Embora !  
Inda os ninhos conserva, e se reanima  
Ao chilrear dos passaros de outr'ora...



N O L I M I A R D A M O R T E .

Grande lascivo ! espera-te a  
voluptuosidade do nada .

(MACHADO DE ASSIS, Braz Cubas.)

Engelhadas as faces, os cabellos  
Branços, ferido, chegas da jornada;  
Revês da infancia os dias; e, ao revel-os,  
Que fundas maguas na alma lacerada !

Páras. Palpas a treva em torno. Os gelos  
Da velhice te cercam. Vês a estrada  
Negra, cheia de sombras, povoada  
De atros espectros e de pesadelos...

Tu, que amaste e soffreste, agora os passos  
Para meu lado moves. Alma em prantos,  
Deixas os odios do mundano inferno...

Vem ! que emfim gosarás estre meus braços  
Toda a voluptia, todos os encantos,  
Toda a delicia do repouso eterno !



R I O S   E   P A N T A N O S .

Muita vez houve céu dentro de um peito !  
Céu coberto de estrellas resplendentes,  
Sobre rios alvissimos, de leite .  
De fina prata e margens florescentes...

Um dia veio, em que a descrença o aspeito  
Mudou de tudo: em turbidas enchentes,  
A agua um manto de lodo e trevas feito  
Estendeu pelas veigas recedentes.

E a alma que os anjos de aza solta, os sonhos  
E as illusões cruzaram revoando,  
— Depois, na superficie horrenda e fria,

Só apresenta pantanos medonhos,  
Onde, os longos sudarios arrastando,  
Passa da peste a legião sombria...



S A H A R A    V I T A E.

Lá vão elles, lá vão ! O céu se arqueia  
 Como um tecto de bronze infindo e quente,  
 E o sol fuzila e, fuzilando, ardente  
 Criva de flechas de aço o mar de areia...

Lá vão, com os olhos onde a sêde atea  
 Um fogo estranho, procurando em frente  
 Esse oasis do amor que, claramente,  
 Além, bello e fallaz, se delineia.

Mas o simun da morte sopra: a tromba  
 Convulsa envolve-os, prosta-os; e aplacada  
 Sobre si mesma roda e exhausta tomba...

E o sol de novo no igneo céu fuzila...  
 E sobre a geração exterminada  
 A areia dorme placida e tranquillã.



P O M B A E C H A C A L .

O' Natureza ! ó mãe piedosa e pura !

O' cruel, implacavel assassina !

— Mão, que o veneno e o balsemo propina

E aos sorrisos as lagrimas mistura !

Pois o berço, onde a bocca pequenina

Abre o infante a sorrir, é a miniatura,

A vaga imagem de uma sepultura,

O germen vivo de uma atroz ruina ? !

Sempre o contraste ! Passaros cantando

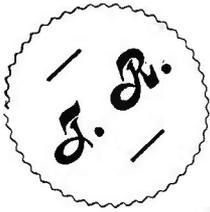
Sobre tumulos... flores sobre a face

De ascosas aguas putridas boiando...

Anda a tristeza ao lado da alegria...

E esse teu seio, de onde a noite nasce,

E' o mesmo seio de onde nasce o dia...



N O C A R C E R E .

Porque hei-de, em tudo quanto vejo, vêl-a ?

Porque hei-de eterna assim reproduzida

Vêl-a na agua do mar, na luz da estrella, .

Na nuvem de ouro e na palmeira erguida ?

Fosse possivel ser a imagem d'ella

Depois de tantas maguas esquecida !...

Pois acaso será, para esquecel-a,

Mister e força que me deixe a vida ?

Negra lembrança do passado ! lento

Martyrio, lento e atroz ! Porque não ha-de

Ser dado a toda a magua o esquecimento ?

Porque ? Quem me encadeia sem piedade

No carcere sem luz d'este tormento,

Com os pesados grilhões d'esta saudade ?



OLHANDO A CORRENTE .

Põe-te á margem ! Contempla-a, lentamente,  
 Crespa, turva, a rolar. Em vão indagas  
 A que paragens, a que longes plagas  
 Desce, ululando, a lugubre torrente...

Vem de longe, de longe... Ouve-lhe as pragas !  
 Que infrene grita, que bramir frequente,  
 Que côro de blasphemias surdamente  
 Rolam na queda d'essas negras vagas !

Choras ? Tremes ? E' tarde... Esses violentos  
 Gritos escuta ! Em lagrimas, tristonhos,  
 Fechas os olhos ?... Olha ainda o horror

D'aquellas aguas ! Vê ! Teus juramentos  
 Lá vão ! lá vão levados os meus sonhos,  
 Lá vae levado todo o nosso amor !



N E L M E Z Z O D E L C A M I N . . .

Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada  
E triste, e triste e fatigado eu vinha.  
Tinhas a alma de sonhos povoada,  
E a alma de sonhos povoada eu tinha...

E parámos de subito na estrada  
Da vida: longos annos, presa á minha  
A tua mão, a vista deslumbrada  
Tive da luz que teu olhar continha.

Hoje, segues de novo... Na partida  
Nem o pranto os teus olhos humedece,  
Nem te commove a dôr da despedida.

E eu, solitario, volto a face, e tremo,  
Vendo o teu vulto que desaparece  
Na extrema curva do caminho extremo.



S O L I T U D O .

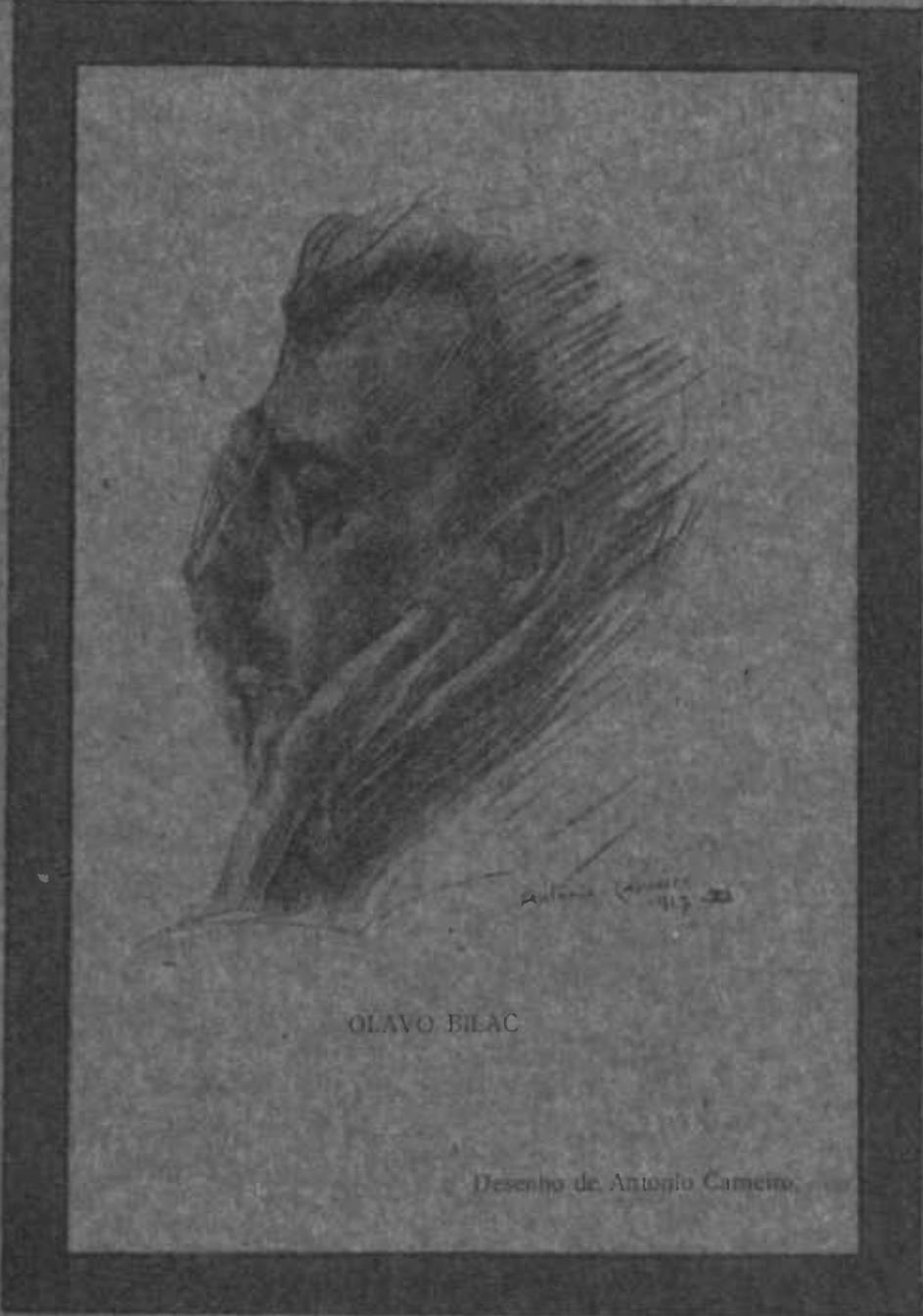
Já que te é grato o soffrimento alheio,  
Vae ! Não fique em minh'alma nem um traço,  
Nem um vestigio teu ! Por todo o espaço  
Se estenda o luto carregado e feio.

Turvem-se os largos céos... No leito escasso  
Dos rios a agua seque... E eu tenha o seio  
Como um deserto pavoroso, cheio  
De horrores, sem signal de humano passo...

Vão-se as aves e as flores juntamente  
Contigo... Tórre o sol a verde alfombra,  
A areia envolva a solidão inteira...

E só fique em meu peito o Sahara ardente  
Sem um oasis, sem a esquiua sombra  
De uma isolada e tremula palmeira !

180  
5.8



OLAVO BILAC

Desenho de Antonio Carneiro.

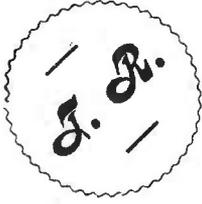
J. B.



Antonio Carneiro  
1917-22

OLAVO BILAC

Desenho de Antonio Carneiro.



# ALMA INQUIETA



I N A N I A    V E R B A .

Ah ! quem ha-de exprimir, alma impotente e escrava,  
 O que a bocca não diz, o que a mão não escreve ?  
 — Ardes, sangras, pregada á tua cruz, e, em breve,  
 Olhas, desfeito em lodo, o que te deslumbrava...

O Pensamento ferve, e é um turbilhão de lava:  
 A Fórma, fria e espessa, é um sepulcro de neve...  
 E a Palavra pesada abafa a Idéa leve,  
 Que, perfume e clarão, refulgia e voava.

Quem o molde acharã para a expressão de tudo ?  
 Ai ! quem ha-de dizer as ancias infinitas  
 Do sonho ? e o céo que foge á mão que se levanta ?

E a ira muda ? e o asco mudo ? e o desespero mudo ?  
 E as palavras de fé que nunca foram ditas ?  
 E as confissões de amor que morrem na garganta ? !



I N C O N T E N T A D O .

Paixão sem grita, amor sem agonia,  
Que não opprime nem magôa o peito,  
Que nada mais do que possúe queria,  
E com tão pouco vive satisfeito...

Amor, que os exaggeros repudia,  
Misturado de estima e de respeito,  
E, tirando das maguas alegria,  
Fica farto, ficando sem proveito...

Viva sempre a paixão que me consome,  
Sem uma queixa, sem um só lamento !  
Arda sempre este amor que desanimas !

E eu tenha sempre, ao murmurar teu nome,  
O coração, não grado o soffrimento,  
Como um rosal desabrochado em rimas.



P R I M A V E R A .

Ah ! quem nos déra que isto, como outr'ora,  
Inda nos commovesse ! Ah ! quem nos déra  
Que inda juntos pudessemos agora  
Vêr o desabrochar da primavera !

Sahiamos com os passaros e a aurora.  
E, no chão, sobre os troncos cheios de hera,  
Sentavas-te sorrindo, de hora em hora:  
"Beijemo-nos ! amemo-nos ! espera !"

E esse corpo de rosa rescendia,  
E aos meus beijos de fogo palpitava,  
Alquebrado de amor e de canção...

A alma da terra gorgeiava e ria...  
Nascia a primavera... E eu te levava,  
Primavera de carne, pelo braço !



VIRGENS MORTAS .

Quando uma virgem morre, uma estrella apparece,  
 Nova, no velho engaste azul do firmamento:  
 E a alma da que morreu, de momento em momento,  
 Na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silencio e no recolhimento  
 Do campo, conversaes a sós, quando anoitece,  
 Cuidado ! — o que dizeis, como um rumor de prece,  
 Vae sussurrar no céu, levado pelo vento...

Namorados, que andaes, com a bocca transbordando  
 De beijos, perturbando o campo socegado  
 E o casto coração das flores inflammando,

— Piedade ! ellas vêm tudo entre as moitas escuras...  
 Piedade ! esse impudor offende o olhar gelado  
 Das que viveram sós, das que morreram puras !



I D A .

Para a porta do céu, pallida e bella,  
 Ida as azas levanta e as nuvens corta.  
 Correm os anjos: e a creança morta  
 Foge dos anjos namorados d'ella.

Longe do amor materno o céu que importa ?  
 O pranto os olhos limpidos lhe estrélla...  
 Sob as rosas de neve da capella,  
 Ida soluça, vendo abrir-se a porta.

Quem lhe déra outra vez o escuro canto  
 Da escura terra, onde, a sangrar, sósinho,  
 Um coração de mãe desfaz-se em pranto !

Cerra-se a porta: os anjos todos voam...  
 Como fica distante aquelle ninho,  
 Que as mães adoram... mas amaldiçoam !



V A N I T A S .

Cego, em febre a cabeça, a mão nervosa e fria,  
Trabalha. A alma lhe sáe da penna, allucinada,  
E enche-lhe, a palpitar, a estrophe illuminada  
De gritos de triumpho e gritos de agonia.

Prende a idéa fugaz; doma a rima bravia;  
Trabalha... E a obra, por fim, resplandece acabada:  
"Mundo, que as minhas mãos arrancaram do nada !  
"Filha do meu trabalho ! ergue-te á luz do dia !

"Cheia da minha febre e da minha alma cheia,  
"Arranquei-te da vida ao adyto profundo,  
"Arranquei-te do amor á mina ampla e secreta !

"Posso agora morrer, porque Vives !" E o Poeta  
Pensa que vae cahir, exausto, ao pé de um mundo,  
E cáe — vaidade humana ! — ao pé de um grão de areia...



• V I T A N U O V A .

Se ao mesmo gozo antigo me convidas,  
Com esses mesmos olhos abrazados,  
Mata a recordação das horas idas,  
Das horas que vivemos apartados !

Não me fales das lagrimas perdidas,  
Não me fales dos beijos dissipados !  
Há numa vida humana cem mil vidas,  
Cabem num coração cem mil peccados !

Amo-te ! A febre, que suppunhas morta,  
Revive. Esquece o meu passado, louca !  
Que importa a vida que passou ? que importa,

Se inda te amo, depois de amores tantos,  
E inda tenho, nos olhos e na bocca,  
Novas fontes de beijos e de prantos ? !



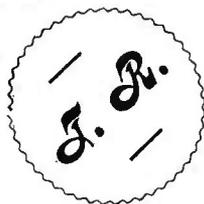
D E S T E R R O .

Já me não amas ? Basta ! Irei, triste, e exilado  
 Do meu primeiro amor para outro amor, sósinho...  
 Adeus, carne cheirosa ! Adeus, primeiro ninho  
 Do meu delirio ! Adeus, bello corpo adorado !

Em ti, como num valle, adormeci deitado,  
 No meu sonho de amor, em meio do caminho...  
 Beijo-te inda uma vez, num ultimo carinho,  
 Como quem vae sahir da patria desterrado...

Adeus, corpo gentil, patria do meu desejo !  
 Berço em que se emplumou o meu primeiro idyllio,  
 Terra em que floresceu o meu primeiro beijo !

Adeus ! Esse outro amor ha-de amargar-me tanto  
 Como o pão que se come entre estranhos, no exilio,  
 Amassado com fel e embebido de pranto...



PECCADOR.

Este é o altivo peccador sereno,  
Que os soluços affoga na garganta,  
E, calmamente, o copo de veneno  
Aos labios frios sem tremer levanta.

Tonto, no escuro pantanal terreno  
Rolou. E, ao cabo de torpeza tanta,  
Nem assim, miseravel e pequeno,  
Com tão grandes remorsos se quebranta.

Fecha a vergonha e as lagrimas consigo...  
E, o coração mordendo impenitente,  
E, o coração rasgando castigado,

Aceita a enormidade do castigo,  
Com a mesma face com que antigamente  
Aceitava a delicia do peccado.



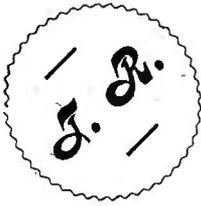
s ó .

Este, que um deus cruel arremessou á vida,  
 Marcando-o com o signal da sua maldição,  
 — Este desabrochou como a herva má, nascida  
 Apenas para aos pés ser calcada no chão.

De motejo em motejo arrasta a alma ferida...  
 Sem constancia no amor, dentro do coração  
 Sente, crespá, crescer a selva retorcida  
 Dos pensamentos máos, filhos da solidão.

Longos dias sem sol ! noites de eterno luto !  
 Alma cega, perdida á tôa no caminho !  
 Roto casco de náó, desprezado no mar !

E, arvore, acabará sem nunca dar um fructo;  
 E, homem, ha-de morrer como viveu: sósinho !  
 Sem ar ! sem luz ! sem Deus ! sem fé ! sem pão ! sem lar !



EM UMA TARDE DE OUTONO .

Outono. Em frente ao mar. Escancarou as janelas  
 Sobre o jardim calado, e as águas miro, absorto.  
 Outono... Rodopiando, as folhas amarellas  
 Rolam, cáem. Viuvez, velhice, desconforto...

Porque, bello navio, ao clarão das estrellas,  
 Visitaste este mar inhabitado e morto,  
 Se logo, ao vir do vento, abriste ao vento as velas,  
 Se logo, ao vir da luz, abandonaste o porto ?

A agua cantou. Rodeava, aos beijos, os teus flancos  
 A espuma, desmanchada em riso e flocos brancos...  
 — Mas chegaste com a noite, e fugiste com o sol !

E eu olho o céu deserto, e vejo o oceano triste,  
 E contemplo o logar por onde tu sumiste,  
 Banhado no clarão nascente do arrebol...

T E D I O .

Sobre minh'alma, como sobre um throno,  
Senhor brutal, pesa o aborrecimento.  
Como tardas em vir, ultimo outono,  
Lançar-me as folhas ultimas ao vento !

Oh ! dormir no silencio e no abandono,  
Só, sem um sonho, sem um pensamento,  
E, no lethargo do aniquilamento,  
Ter, ó pedra, a quietude do teu somno !

Oh ! deixar de sonhar o que não vejo !  
Ter o sangue gelado, e a carne fria !  
E, de uma luz crepuscular velada,

Deixar a alma dormir sem um desejo,  
Ampla, funebre, lugubre, vasia  
Como uma cathedral abandonada !...



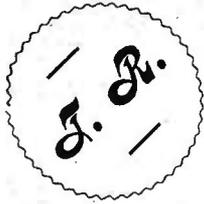
A VOZ DO AMOR.

Nessa pupilla rútila e molhada,  
Refugio arcano e sacro da Ternura,  
A ampla noite do gozo e da loucura  
Se desenrola, quente e embalsamada.

E quando a anciosa vista desvairada  
Embebo ás vezes nessa noite escura,  
D'ella rompe uma voz, que, entrecortada  
De soluços e canticos, murmura...

E' a voz do Amor, que, em teu olhar falando,  
Num concerto de supplicas e gritos  
Conta a historia de todos os amores;

E veem por ella, rindo e blasphemando,  
Almas serenas, corações afflictos,  
Tempestades de lagrimas e flores...



VELHAS ARVORES .

Olha estas velhas arvores, mais bellas  
Do que as arvores novas, mais amigas:  
Tanto mais bellas quanto mais antigas,  
Vencedoras da idade e das procellas...

O homem, a féra, e o insecto, á sombra d'ellas  
Vivem, livres de fomes e fadigas;  
E em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarellas.

Não choremos, amigo, a mocidade !  
Envelheçamos rindo ! envelheçamos  
Como as arvores fortes envelhecem:

Na gloria, da alegria e da bondade,  
Agazalhando os passaros nos ramos,  
Dando sombra e consolo aos que padecem !



## Maldição.

Se por vinte annos, nesta jorna escura,  
Deixei dormir a minha maldição,  
- Hoje, velha e cansada da 'amargura,  
Minh'alma se abrita' como um vulcão.

E, em torrentes de colera e loucura,  
Vobre a tua cabeça ferverão  
Vinte annos de silencio e de tortura,  
Vinte annos de agonia e solibão.

Maldição seja pelo Ideal perdido!  
Pelo mal que fizeste sem querer!  
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem prazer!  
Pela tristeza do que eu tenho visto!  
Pelo esplendor do que eu deixei de ver!

Clavos Bilac



## Maldição.

Se por vinte annos, nesta fama escura,  
Deixei dormir a minha maldição,  
- Hoje, belha e cansada da 'amargura',  
Minh'alma se abrirá como um vulcão.

E, em torrentes de colera e loucura,  
Vobre a tua cabeça ferretão  
Vinte annos de silencio. e de tortura,  
Vinte annos de agonia e solidão.

Maldição seja pelo Ideal perdido!  
Pelo mal que fizeste sem querer!  
Pelo amor que morreu sem ter nascido!

Pelas horas vividas sem praxer!  
Pela tristeza do que eu tenho sido!  
Pelo esplendor do que eu deixei de ver!

Clavos Bilac



M A L D I Ç Ã O .

Se por vinte annos, nesta furna escura,  
Deixei dormir a minha maldição,  
— Hoje, velha e cançada da amargura,  
Minh'alma se abrirá como um vulcão.

E, em torrentes de colera e loucura,  
Sobre a tua cabeça ferverão  
Vinte annos de silencio e de tortura,  
Vinte annos de agonia e solidão...

Maldita sejas pelo Ideal perdido !  
Pelo mal que fizeste sem querer !  
Pelo amor que morreu sem ter nascido !

Pelas horas vividas sem prazer !  
Pela tristeza do que eu tenho sido !  
Pelo esplendor do que eu deixei de ser !...



U L T I M A    P A G I N A .

Primavera. Um sorriso aberto em tudo. Os ramos  
 Numa palpação de flores e de ninhos.  
 Doirava o sol de outubro a areia dos caminhos  
 (Lembras-te, Rosa ?) e ao sol de outubro nos amámos.

Verão. (Lembras-te, Dulce ?) A' beira-mar, sósinhos,  
 Tentou-nos o peccado: olhaste-me... e peccámos;  
 E o outono desfolhava os roseirões visinhos,  
 O' Laura, a vez primeira em que nos abraçámos...

Veio o inverno. Porém, sentada em meus joelhos,  
 Nua, presos aos meus os teus lábios vermelhos,  
 (Lembras-te, Branca ?) ardia a tua carne em flôr...

Carne, que queres mais ? Coração, que mais queres ?  
 Passam as estações e passam as mulheres...  
 E eu tenho amado tanto ! e não conheço o Amor !



OLAVO BILAC

Desenho de Antonio Carneiro



# AS VIAGENS



- - I - -

Primeira migração.

Sinto às vezes ferir-me a retina offuscada  
Um sonho: — A Natureza abre as perpetuas fontes;  
E, ao clarão creador que invade os horizontes,  
Vejo a Terra sorrir á primeira alvorada.

Nos mares e nos céos, nas rechans e nos montes,  
A Vida canta, chora, arde, delira, brada...  
E arfa a Terra, num parto horrendo, carregada  
De monstros, de mamuths e de rhinocerontes.

Rude, uma geração de gigantes acorda  
Para a conquista. A uivar, do refugio das furnas  
A migração primeira, em torvelins, transborda.

E ouço, longe, rodar, nas primitivas éras,  
Como uma tempestade entre as sombras nocturnas,  
O estrupido brutal d'essa invasão de féras.



- - II - -

Os Phenicios.

Avida gente, ousada e moça ! Avida gente !

— D'esse esteril torrão, d'esse areal maninho  
Entre o Libano e o mar da Syria, — que caminho  
Busca, turvo de febre, o vosso olhar ardente ?

Tyro, do vivo azul do pelago marinho,  
Branca, nadando em luz, surge resplandecente...  
Na agua, aberta em clarões, chocam-se de repente  
Os remos. Rangem no ar os velames de linho.

Hiram, com o sceptro negro em que ardem pedrarias,  
Conta as barcas de cedro, atupidas de fardos  
De ouro, purpura, onyx, sedas e especiarias.

Sus ! Ao largo ! Melkhart abençõe a partida  
Dos que vão de Sidon, de Gebel e de Antardus  
Dilatar o commercio e propagar a Vida !



• - III - •

Israel.

Caminhar ! caminhar !... O deserto primeiro,  
 O mar depois... Areia e fogo... Foragida,  
 A tua raça corre os desastres da vida,  
 Insultada na patria e odiada no estrangeiro !

Onde o leite, onde o mel da Terra Promettida ?  
 — A guerra ! a ira de Deus ! o exodo ! o captiveiro !  
 E, molhada de pranto, a oscillar de um salgueiro,  
 A tua harpa, Israel, a tua harpa esquecida !

Sem templo, sem altar, vagas perpetuamente...  
 E, em torno de Sião, do Libano ao Mar Morto,  
 Fulge, de monte em monte, o escarneo do Crescente:

E, impassivel, Jehovah te vê, do céu profundo,  
 Naufrago amaldiçoado a errar de porto em porto,  
 Entre as imprecações e os ultrajes do mundo !



-- IV --

Alexandre.

Quem te cantára um dia a ambição desmarcada,  
 Filho da heráklea estirpe ! e o clamor infinito  
 Com que o povo da Emathia acorreu ao teu grito,  
 Voando, como um tufão, sobre a terra abrazada !

Do Adriatico-Mar ao Indus, e do Egypto  
 Ao Caucaso, o fulgor do aceiro d'essa espada  
 Prosternava, a tremér, sobre a lama da estrada,  
 Idolos de ouro e bronze, e esphinges de granito.

Mar que regouga e estronda, espedaçando diques,  
 — Aos confins da Asia rica as phalanges corriam,  
 Encrespadas de furia e erriçada de piques.

E do sangue, do pó, dos destroços da guerra,  
 Aos teus pés, palpitando, as cidades nasciam,  
 E a Alma Grega, contigo, avassallava a Terra !



-- V --

Cezar.

Na ilha de Seyne. O mar brame na costa bruta.  
 Gemem os bardos. Triste, o olhar por céos em fóra  
 Uma druidiza alonga, e os astros mira, e chora  
 De pé, no limiar de tenebrosa gruta.

Abandonou-te o deus que a tua raça adora,  
 Pobre filha de Teut ! Cezar ahi vem ! Escuta  
 O passo das legiões ! ouve o fragor da luta  
 E o alto e crebro clangor da buccina sonora !

Dos Alpes, sacudindo as azas de ouro ao vento,  
 As grandes aguias sobre os dominios gaulezes  
 Descem, escurecendo o azul do firmamento...

E já, do Interno Mar ao Mar Armoricano,  
 Retumba o entrechocar dos rutilos pavezes  
 Que carregam á gloria o Imperador romano.



- - VI - -

Os Barbaros.

Ventre nú, seios nós, toda núa, cantando  
 Do esmorecer da tarde ao resurgir do dia,  
 Roma lasciva e louca, ao rebramar da orgia,  
 Sonhava, de triclinio em triclinio rolando.

Mas já da longe Scythia e da Germania fria,  
 Esfaimado, rangendo os dentes, como um bando  
 De lobos o sabor da preza antegozando,  
 O tropel rugidor dos Barbaros descia.

Eil-os ! A herva, aos seus pés, mirra. De sangue cheios  
 Turvam-se os rios. Louca, a floresta farfalha...  
 E eil-os, — torvos, brutaes, cabelludos e feios !

Donar, Pae da Tormenta, á frente d'elles corre;  
 E a ignea barba do deus, que o incendio ateia e espalha,  
 Illumina a agonia a esse imperio que morre...



- - VII - -

As Cruzadas.

(DIANTE DE UM RETRATO ANTIGO).

Fulge-te o morrião sobre o cabello louro,  
 E avultas na moldura, alto, esbélto e membrudo,  
 Guerreiro que por Deus abandonaste tudo,  
 Desbaratando o Turco, o Sarraceno e o Mouro !

Brilha-te a lança á mão, presa ao guante de couro.  
 Nos peitoraes de ferro arfa-te o peito ossudo.  
 E alça-se-te o brazão sobre a chapa do escudo,  
 Nobre: — em campo de blau sete besantes de ouro.

"Diex le volt !" E, barão entre os barões primeiros  
 Foste, atravez da Europa, ao Sepulcro ameaçado.  
 Dentro de um turbilhão de pagens e escudeiros...

E era-te o gladio ao punho um relampago ardente !  
 E o teu pendão de guerra ondeou, glorioso, ao lado  
 Do pendão de Balduino, Imperador do Oriente.



- - VIII - -

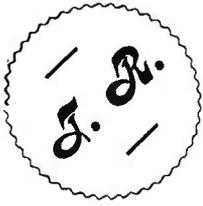
As Índias.

Se a attracção da ventura os sonhos te arreбата,  
Conquistador, ao largo ! A tua alma sedenta  
Quer a gloria, a conquista, o perigo, a tormenta ?  
Ao largo ! saciarás a ambição que te mata !

Bella, verás surgir, da agua azul que a retrata,  
Cathay, e cujos pés o mar em flôr rebenta;  
E Cypango verás, fabulosa e opulenta,  
Apunhalando o céu com as torres de ouro e prata.

Pisarás com desprezo as perolas mais bellas !  
De myrrha, de marfim, de incenso carregadas,  
Se arrastarão, arfando, as tuas caravellas.

E, a acclamar-te Senhor das Terras e dos Mares,  
Os regulos e os reis das ilhas conquistadas  
Se humilharão, beijando o solo que pisares...



- - IX - -

O Brasil .

Pára ! Uma terra nova ao teu olhar fulgura !  
 Detem-te ! Aqui, de encontro a verdejantes plagas,  
 Em caricias se muda a inclemencia das vagas...  
 Este é o reino da Luz, do Amor e da Fartura !

Treme-te a voz affeita ás blasphemias e ás pragas,  
 O' nauta ! Olha-a, de pé, virgem morena e pura,  
 Que aos teus beijos entrega, em plena formosura,  
 — Os dous seios que, ardendo em desejos, afagas...

Beija-a ! O sol tropical deu-lhe á pelle doirada  
 O barulho do ninho, o perfume da rosa,  
 A frescura do rio, o esplendor da alvorada...

Beija-a ! é a mais bella flôr da Natureza inteira !  
 E farta-te de amor nessa carne cheirosa,  
 O' desvirginador da Terra Brasileira !



- - X - -

O Voador.

"Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, inventor do aerostato, morreu miseravelmente num convento, em Toledo, sem ter quem lhe velasse a agonia."

Em Toledo. Lá fóra, a vida tumultúa  
 E canta. A multidão em festa se atropela...  
 E o pobre, que o suor da agonia enregela,  
 Cuida o seu nome ouvir na acclamação da rua.

Agonisa o Voador. Piedosamente, a lua  
 Vem velar-lhe a agonia, atravez da janella...  
 A Febre, o Sonho, a Gloria enchem a escura cella,  
 E entre as nevoas da morte uma visão fluctúa:

"Voar ! varrer o céo com as azas poderosas,  
 Sobre as nuvens ! correr o mar das nebulosas,  
 Os continentes de ouro e fogo da amplidão !..."

E o pranto do luar cae sobre o catre immundo...  
 E em farrapos, sósinho, arqueja moribundo  
 Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão...



- - XI - -

O Polo .

"Pára, conquistador intemorato e forte !

"Pára ! que buscas mais que te ennobreça e eleve ?

"E' tão alegre o sol ! a existencia é tão breve !

"E é tão fria essa tumba entre os gelos do Norte !

"Dorme o céu. Numa ronda esqualida, de leve,

"Erram fantasmas. Reina um silencio de morte.

"Phocas de vulto informe, ursos de estranho porte

"Morosamente vão de rastros sobre a neve..."

Em vão !... E o gelo cresce, e espedaça o navio.

E elle, subjugador do perigo e do medo,

Sem um gemido cae, morto de fome e frio.

E o Mysterio se fecha aos seus olhos serenos...

Que importa ? Outros virão devassar-lhe o segredo !

Um cadaver demais... um sonhador de menos...



- - XII - -

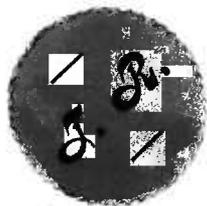
A Morte .

Oh ! a jornada negra ! A alma se despedaça...  
 Tremem as mãos... O olhar, molhado e ancioso, espia,  
 E vê fugir, fugir a ribanceira fria,  
 Por onde a procissão dos dias mortos passa.

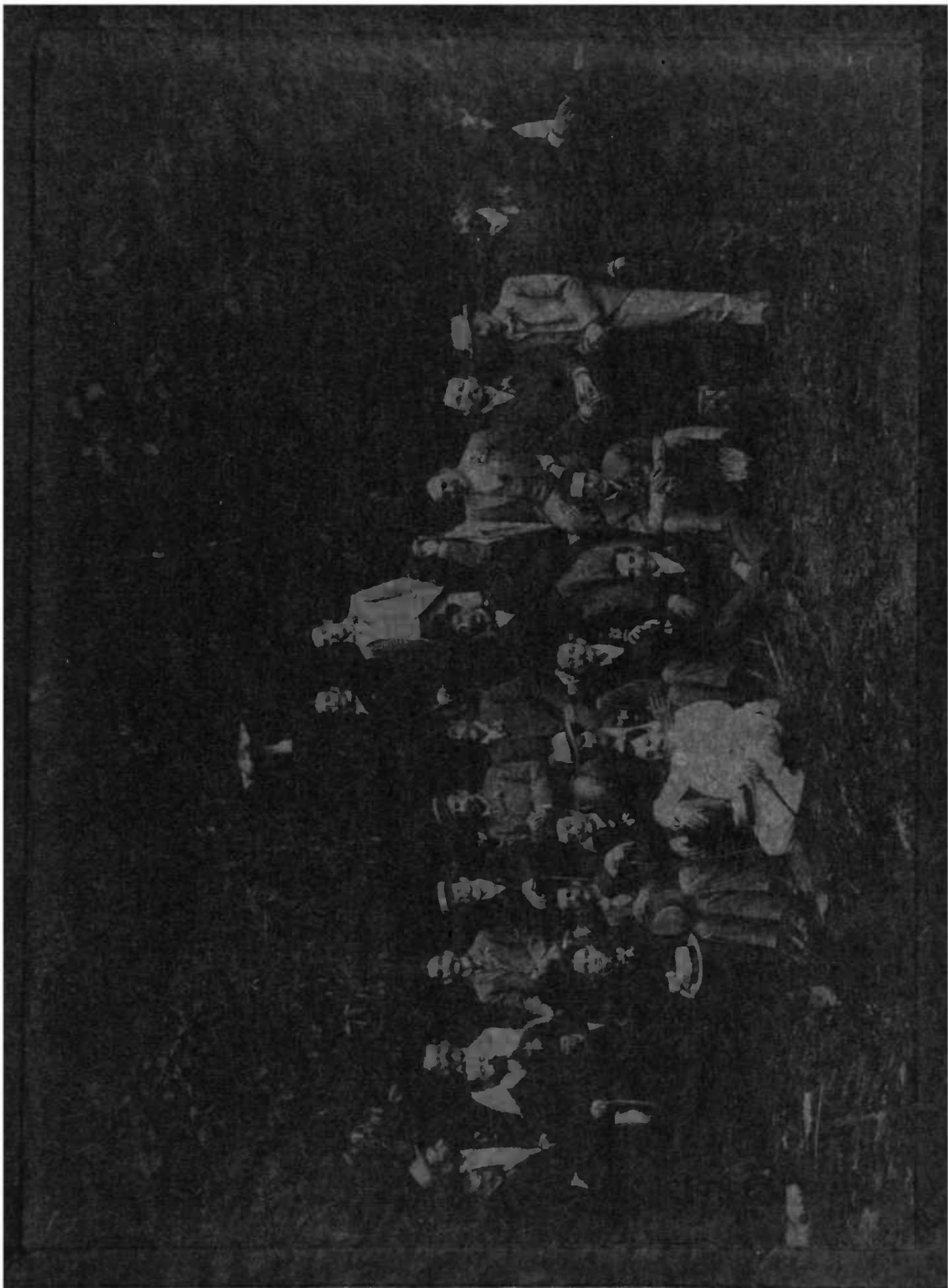
No céu gelado expira o derradeiro dia,  
 Na ultima região que o teu olhar devassa !  
 E só, trevoso e largo, o mar estardalhaça  
 No undizível horror de uma noite vasia...

Pobre ! porque, a soffrer, a Léste e a Oéste, ao Norte  
 E ao Sul, desperdiçaste a força de tua alma ?  
 Tinhas tão perto o Bem, tendo tão perto a Morte !

Paz á tua ambição ! paz á tua loucura !  
 A conquista melhor é a conquista da Calma:  
 — Conquistaste o paiz do Somno e da Ventura !



Pic-Nic na Tijuca, realizado  
em 26 de Dezembro de 1900  
para comemorar o  
anniversario  
do poeta  
Olavo Bilac







**TARDE**



H Y M N O   Á   T A R D E .

Gloria joven do sol no berço de ouro e chammas,  
 Alva ! natal da luz, primavera do dia,  
 Não te amo ! nem a ti, canicula, bravia,  
 Que a ti mesma te estrues no fogo que derramas !

Amo-te, hora hesitante em que se preludia  
 O adagio vesperal, — tumba que te recamas  
 De luto e de esplendor, de crepes e auriflammas,  
 Moribunda que ris sobre a propria agonia !

Amo-te, ó tarde triste, ó tarde augusta, que, entre  
 Os primeiros clarões das estrellas, no ventre,  
 Sob os veos do mysterio e da sombra orvalhada,

Trazes a palpitar, como um fruto do outono,  
 A noite, alma nutriz da volupia e do somno,  
 Perpetuação da vida e iniciação do nada...



C Y C L O .

Manhã. Sangue em delirio, verde gomo,  
 Promessa ardente, berço e limiar:  
 A arvore pulsa, no primeiro assomo  
 Da vida, inchando a seiva ao sol... Sonhar !

Dia. A flor, — o noivado e o beijo, como  
 Em perfumes um thalamo e um altar:  
 A arvore abre-se em riso, espera o pomo,  
 E canta á vóz dos passaros... Amar !

Tarde. Messe e esplendor, gloria e tributo;  
 A arvore maternal levanta o fruto,  
 A hostia da idéa em perfeição... Pensar !

Noite. Oh ! saudade !... A dolorosa rama  
 Da arvore afflictta pelo chão derrama  
 As folhas, como lagrimas... Lembrar !



UM AUTOGRAPHO DE BILAC

Pátria, lateja em ti, no teu lenho, por onde  
Circular! e sai perfume, e sombra, e sol, e ovalho!  
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,  
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!

Do teu lichão, dos teus cipós, da tua fronda,  
De ninho que gorgeia ao teu' dorre agasalho,  
Do fruto a amadurez que em teu seio se esconde,  
De ti, - rebento em luz e em cantos me expalho!

Vivo, - choro o teu pranto; e, em teus dias felizes,  
No alto, como uma flor, em ti, pomposo e exulto!  
E, eu morto, - sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, - eu tremarei, sepulto;  
E os meus ossos no chão, como as tuas saibas,  
Se entre corações se dor, soffrendo o golpe e o insulto!

Olavo Bilac



P A T R I A .

Patria, latejo em ti, no teu lenho, por onde  
 Circulo ! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho !  
 E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,  
 E subo do teu cerne ao ceu de galho em galho !

Dos teus lichens, dos teus cipós, da tua fronde,  
 Do ninho que gorgéia em teu doce agazalho,  
 Do fruto a amadurar que em teu seio se esconde,  
 De ti, — rebento em luz e em canticos me espalho !

Vivo, chóro em teu pranto; e, em teus dias felizes,  
 No alto, como uma flor, em ti, pompeio e exulto !  
 E eu, morto, — sendo tu cheia de cicatrizes,

Tu golpeada e insultada, — eu tremerei sepulto:  
 E os meus ossos no chão, como as tuas raizes,  
 Se estorcerão de dor, soffrendo o golpe e o insulto !



L I N G U A   P O R T U G U E Z A .

Ultima flor do lacio, inculta e bella,  
 E's, a um tempo, esplendor e sepultura:  
 Ouro nativo, que na ganga impura  
 A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura,  
 Tuba de alto clangor, lyra singela,  
 Que tens o trom e o silvo da procella,  
 E o arrollo da saudade e da ternura !

Amo o teu viço agreste e o teu aroma  
 De virgens selvas e de oceano largo !  
 Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho !",  
 E em que Camões chorou, no exilio amargo,  
 O genio sem ventura e o amor sem brilho !



M U S I C A   B R A Z I L E I R A .

Tens, às vezes, o fogo soberano  
Do amor: encerras na cadencia, accesa  
Em requebros e encantos de impureza,  
Todo o feitiço do peccado humano.

Mas, sobre essa volupia, erra a tristeza  
Dos desertos, das matas e do oceano:  
Barbara poracé, banzo africano,  
E soluços de trova portugueza.

E's samba e jongo, chiba e fado, cujos  
Acordes são desejos e orfandades  
De selvagens, captivos e marujos:

E em nostalgias e paixões consistes,  
Lasciva dor, beijo de trez saudades,  
Flor amorosa de trez raças tristes.



A N C H I E T A .

Cavalleiro da mystica aventura,  
 Heroe christão ! nas provações atrozes  
 Sonhas, casando a tua voz ás vozes  
 Dos ventos e dos rios na espessura:

Entrando as brenhas, teu amor procura  
 Os indios, ora filhos, ora algozes,  
 Aves pela innocencia, e onças ferozes  
 Pela bruteza, na floresta escura.

Semeador de esperanças e chimeras,  
 Bandeirante de "entradas" mais suaves,  
 Nos espinhos a carne dilaceras:

E, por que as almas e os sertões desbraves,  
 Cantas: Orpheu humanizando as feras,  
 São Francisco de Assis prégando ás aves...

C H A O S .

No fundo do meu ser, ouço e suspeito  
Um pelago em suspiros e rajadas:  
Milhões de vivas almas sepultadas,  
Cidades submergidas no meu peito.

A's vezes, um torpor de aguas paradas...  
Mas, de repente, um temporal desfeito:  
Festa, agonia, jubilo, despeito,  
Clamor de sinos, retintim de espadas,

Procissões e motins, glorias e luto,  
Chôro e hosana... Ferver de sangue novo,  
Fermentação de um mundo agreste e bruto...

E ha na esperança, de que me commovo,  
E na grita de duvidas, que escuto,  
A incerteza e a alvorada do meu povo !



D I Z I A M Q U E . . .

'' Diziam que, entre as nações sobreditas, moravam algumas monstruosas.

Uma é de anãos, de estatura tão pequena, que parecem affronta dos homens; chamados Goyazis.

Outra é de casta de gente, que nasce com os pés ás avessas de maneira que quem houver de seguir seu caminho ha de andar ao revés do que vão mostrando as pisadas; chamam-se Matayús.

Outra é de homens gigantes, de 16 palmos de alto, adornados de pedaços de ouro por beiços e narizes, e aos quaes todos os outros pagam respeito; têm por nome Curinqueans.

Finalmente que ha outra nação de mulheres, tambem monstruosas no modo do viver (são as que hoje chamamos Amazonas, e de que tomou o nome o rio) porque são guerreiras, que vivem por si só sem commercio de homens; vivem entre grandes montanhas; são mulheres de valor conhecido..''

Padre Simão de Vasconcellos. (Chronica da Companhia de Jesus no Estado do Brasil''. 1663. Liv.I, cap. 31.)



- I -

OS MONSTROS .

Não me perdi numa illusão... Perdi-me  
Na existencia, entre os homens. E encontrei-os,  
Vivos, bem vivos ! — estes monstros feios,  
Cujo peso affrontoso a terra opprime.

Mas ha monstros no bem, como no crime:  
Outros houve, que em hymnos e gorgeios  
Talvez viveram e morreram, cheios  
De extrema formosura e ardor sublime.

Ah ! no dia da colera tremenda,  
Os monstros bons, agora fugitivos  
D'esta mingua de fé que nos infama,

Resurgirão no epilogo da lenda:  
Os mortos voltarão varrendo os vivos,  
E os maus se afogarão na propria lama !



- II -

O S G O Y A Z I S .

Ainda viveis, espiritos obscenos,  
Como nos dias do Brasil inculto  
Na intelligencia anãos, como no vulto;  
Como no corpo, no moral pequenos.

Espremeis a impotencia do odio estulto  
Em perfidos esguichos de venenos...  
Tendes baixaza em tudo: nem, ao menos,  
Força na inveja e elevação no insulto !

Répteis humanos, no colleio dobre  
De rastos babujaes templos e lares;  
Contra os bons, contra os fortes de alma nobre,

Linguas e dentes dardejaes nos ares:  
Mas só podeis ferir, na raiva pobre,  
Em vez dos corações, os calcanhares.



- III -

O S M A T U Y Ú S .

De pés virados, marcha avessa e rude,  
 Dedos atrás, calcaneos para a frente,  
 Ainda viveis, mentores sem virtude,  
 Que a verdade escondeis á vossa gente !

Sabeis, — e eraes propositadamente,  
 Traidores nas lições e na attitude:  
 Aos corações o vosso exemplo mente,  
 Como no solo o vosso rasto illude.

Pobre quem calca o vosso piso errado:  
 Em vez da liberdade, encontra um muro;  
 Pedindo a salvação, cæe num peccado;

E acha em logar da gloria o lodo impuro:  
 Para seguir-vos, vae para o passado;  
 Por imitar-vos, foge do futuro.



- IV -

O S C U R I N Q U E A N S .

Ainda viveis ! Conheço-vos, felizes  
 Morubixabas de ambições astutas,  
 Que em desgraçadas e mesquinhas lutas  
 Desgovernaes miserrimos paizes !

Já tendes paços em lugar de grutas...  
 Mas, apesar do tempo e dos vernizes,  
 — Se os não trazeis por beiços e narizes,  
 Os botoques guardaes nas almas brutas.

Pobres de idéas, ávidos de foros,  
 Rudes pastores de servil rebanho,  
 Espirraes arrogancia pelos poros...

Sois sempre os mesmos Curinqueans de antanho:  
 Vastos e estereis, ôcos e sonoros,  
 Unicamente grandes no tamanho !



- V -

A S   A M A Z O N A S .

Nem sempre durareis, eras sombrias  
De miseria moral ! A aurora esperas,  
O' Patria ! e ella virá, com outras eras,  
Outro sol, outra crença em outros dias !

David renascerá contra Golias,  
Alcides contra os pantanos e as feras:  
Os corações serão como crateras,  
E hão—de em lavas mudar-se as cinzas frias.

As nobres ambições, força e bondade,  
Justiça e paz virão sobre estas zonas,  
Da confusa fusão da ardente escoria...

E, na sua divina majestade,  
Virgens, reviverão as Amazonas  
Na cavalgada esplendida da gloria !



O V A L L E .

Sou como um valle, numa tarde fria,  
Quando as almas dos sinos, de uma em uma,  
No soluçoso adeus da ave-maria  
Expiram longamente pela bruma.

E' pobre a minha messe. E' nevoa e espuma  
Toda a gloria e o trabalho em que eu ardia...  
Mas a resignação doura e perfuma  
A tristeza do termo do meu dia.

Adormecendo, no meu sonho incerto  
Tenho a illusão do premio que ambiciono:  
Cáe o ceu sobre mim em pyrilampos...

E num recolhimento a Deus offerto  
O cansado labor e o inquieto somno  
Das minhas povoações e dos meus campos.



A MONTANHA .

Calma, entre os ventos, em lufadas cheias  
 De um vago sussurrar de ladainha,  
 Sacerdotiza em prece, o vulto alteias  
 Do valle, quando a noite se avizinha:

Rezas sobre os desertos e as areias,  
 Sobre as florestas e a amplidão marinha;  
 E, ajoelhadas, rodeiam-te as aldeias,  
 Mudas servas aos pés de uma rainha.

Ardes, num holocausto de ternura...  
 E abres, piedosa, a solidão bravía  
 Para as aguias e as nuvens, a acolhel-as ;

E invades, como um sonho, a immensa altura,  
 — Ultima a receber o adeus do dia,  
 Primeira a ter a benção das estrellas !

O S R I O S .

Maguados, ao crepusculo dormente,  
Ora em rebojos galopantes, ora  
Em desmaios de pena e de demora,  
Rios, choraes amarguradamente.

Desejaes regressar... Mas, leito em fora,  
Correis... E misturaes pela corrente  
Um desejo e uma angustia, entre a nascente  
De onde vindes, e a foz que vos devora.

Soffreis de pressa, e, a um tempo, da lembrança...  
Pois no vosso clamor, que a sombra invade,  
No vosso pranto, que no mar se lança,

Rios tristes ! agita-se a anciedade  
De todos os que vivem de esperança,  
De todos os que morrem de saudade...



A S   E S T R E L L A S .

Desenrola-se a sombra no regaço .  
 Da morna tarde, no esmaiado anil;  
 Dorme, no offego do calor febril,  
 A natureza, molle de cansaço.

Vagarosas estrellas ! passo a passo,  
 O aprisco desertando, ás mil e ás mil,  
 Vindes do ignoto seio do redil  
 Num compacto rebanho, e encheis o espaço...

E, enquanto, lentas, sobre a paz terrena,  
 Vos tresmalhaes tremulamente a flux,  
 — Uma divina musica serena

Desce rolando pela vossa luz:  
 Cuida-se ouvir, ovelhas de ouro ! a avena  
 Do invisivel pastor que vos conduz...



A S NUVENS .

Nuvem, que me consolas e contristas,  
Tenho o teu genio e o teu labor ingrato:  
Essas architecturas imprevistas  
São como as construcções em que me mato.

Nunca vemos, miserrimos artistas,  
A victoria d'este impeto insensato:  
A um sopro bemfazejo, que conquistas !  
A um halito cruel, que desbarato !

Nuvens de terra e ceu, brincos do vento,  
Vae-se-nos breve a essencia no ar varrida...  
Irmã, que importa ? ao menos, num momento,

No fastigio fallaz da nossa lida,  
Tu, nas miragens, e eu, no pensamento,  
Somos a força e a affirmação da Vida !



A S A R V O R E S .

Na celagem vermelha, que se banha  
 Da rutilante immolação do dia,  
 As arvores, ao longe, na montanha,  
 Retorcem-se espectraes á ventania.

Arvores negras, que visão estranha  
 Vos aterra ? que horror vos arrepiã ?  
 Que pesadelo os troncos vos assanha,  
 Descabellando a vossa ramaria ?

Tendes alma tambem... Amaes o seio  
 Da terra; mas sonhaes, como sonhamos,  
 Bracejaes, como nós, no mesmo anseio...

Infelizes, no pincaro do monte,  
 (Ah ! não ter azas !...) estendeis os ramos  
 A' esperança e ao mysterio do horizonte...



A S O N D A S .

Entre as tremulas mornas ardentias,  
A noite no alto mar anima as ondas.  
Sobem das fundas humidas Golcondas,  
Perolas vivas, as nereidas frias:

Entrelaçam-se, correm fugidias,  
Voltam, cruzando-se; e, em lascivas rondas,  
Vestem as formas alvas e redondas  
De algas roxas e glaucas pedrarias.

Coxas de vago onyx, ventres polidos  
De alabastro, quadris de argentea espuma,  
Seios de dubia opala ardem na treva;

E bocas verdes, cheias de gemidos,  
Que o phosphorosincendeia e o ambar perfuma,  
Soluçam beijos vãos que o vento leva...



C R E P U S C U L O   N A   M A T A .

Na tarde tropical, arfa e pesa a atmospherá.

A vida, na floresta abafada e sonora,

Humida exhalação de aromas evapora,

E no sangue, na seiva e no humus accelera.

Tudo, entre sombras, — o ar e o chão, a fauna e a flora,

A erva e o passaro, a pedra e o tronco, os ninhos e a hera,

A agua e o reptil, a folha e o insecto, a flor e a fera,

— Tudo vozeia e estala em estos de plethora.

O amor apresta o gozo e o sacrificio na ara:

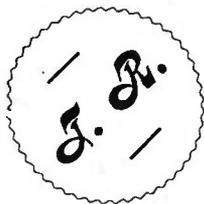
Guinchos, berros, zenir, silvar, ullulos de ira,

Ruflos, chilros, frufrús, balidos de ternura...

Subito, a excitação declina, a febre pára:

E mysteriosamente, em gemido que expira,

Um surdo beijo morno alquebra a mata escura...



S O N A T A   A O   C R E P U S C U L O .

Trompas do sol, borés do mar, tubas da mata,  
 Esfalfae-vos, rugindo, — e emmudecei... Apenas,  
 Agora, trilem no ar, como em cristal e prata,  
 Rusticos tamborins e pastoris avenas.

Trescala o campo, e incensa o occaso, numa oblata.  
 — Surgem da Idade de Ouro, em paizagens serenas,  
 Os deuses; Eros sonha; e, acordando á sonata,  
 Bailam rindo as subtis alipedes Camenas.

Depois, na sombra, á voz das cornamusas graves,  
 Termina a pastoral num lento epithalamio...  
 Cala-se o vento... Expira a surdina das aves...

E a terra, noiva, a ancian, no desejo que a enleva,  
 Cora e desmaia, ao seio aconchegando o flammeo,  
 Entre o pudor da tarde e a tentação da treva.



O C R E P U S C U L O D A B E L L E Z A .

Vê-se no espelho; e vê, pela janella,  
 A dolorosa angustia vespertina:  
 Pallido, morre o sol... Mas, ai ! termina  
 Outra tarde mais triste, dentro d'ella;

Outra queda mais funda lhe revela  
 O aço feroz, e o horror de outra ruina:  
 Rouba-lhe a idade, perfida e assassina,  
 Mais do que a vida, o orgulho de ser bella !

Fios de prata... Rugas... O desgosto  
 Enche-a de sombras, como a suffocal-a  
 Numa noite que ahi vem... E no seu rosto

Uma lagrima tremula resvala,  
 Tremula, a scintillar, — como, ao sol posto,  
 Uma primeira estrella em ceu de opala...



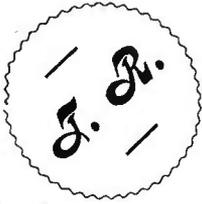
O CREPUSCULO DOS DEUSES.

Fulge em nuvens, no poente, o Olympo. O ceu delira.  
 Os deuses rugem. Entre incendios de ouro e gemmas,  
 Ha torrentes de sangue, hecatombes supremas,  
 Heroes rojando ao chão, trofeus ardendo em pyra,

Iliadas, bulções de gladios e diademas,  
 Ossa e Pelion tombando, e Zeus em raios de ira,  
 E Acrópolis em fogo, e Homero erguendo a lyra  
 Em reverberações de batalhas e poemas...

Mas o vento, embocando as bramidoras trompas,  
 Clangora. Rolam no ar, de roldão, num tumulto,  
 Os numes e os titans, varridos á rajada:

E odio, furor, tropel, fastigio, gloria, pompas,  
 Chammas, ó Olympo, — tudo esbate-se, sepulto  
 Em cinza, em crepe, em fumo, em sonho, em noite, em nada..



M I C R O C O S M O .

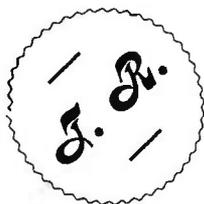
Pensando e amando, em turbilhões fecundos  
 E's tudo: oceanos, rios e florestas;  
 Vidas brotando em solidões funestas;  
 Primaveras de invernos moribundos;

A Terra; e terras de ouro em ceus profundos,  
 Cheias de raças e cidades, estas  
 Em luto, aquellas em raiar de festas;  
 Outras almas vibrando em outros mundos;

E outras formas de linguas e de povos;  
 E as nebulosas, geneses immensas,  
 Fervendo em sementeira de astros novos;

E todo o cosmos em perpetuas flammass...

— Homem ! és o universo, porque pensas,  
 E, pequenino e fraco, és Deus, porque amas !



D U A L I S M O .

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...

Vives anciando, em maldições e preces,

Como se, a arder, no coração tivesses

O tumulto e o clamor de um largo oceano.

Pobre, no bem como no mal, padeces;

E, rolando num vortice vesano,

Oscillas entre a crença e o desengano,

Entre esperanças e desinteresses.

Capaz de horrores e de acções sublimes,

Não ficas das virtudes satisfeito,

Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:

E, no perpetuo ideal que te devora,

Residem juntamente no teu peito

Um demonio que rug e um deus que chora.



D E F E S A .

Cada alma é um mundo á parte em cada peito...

Nem se conhecem, no auge do transporte,

Os jungidos do vinculo mais forte,

Almas e corpos num casal perfeito:

Dormindô no calor do mesmo leito,

Votando os corações á mesma sorte,

Comsigo levam á velhice e á morte

Um recato de orgulho e de respeito...

Ficam, por toda a vida, as duas vidas

Na mais profunda communhão estranhas,

No mais completo amor desconhecidas.

E os dois seres, sentindo-se tão perto,

Até num beijo, são duas montanhas

Separadas por leguas de deserto...



A UM TRISTE .

Outras almas talvez já foram tuas:  
Viveste em outros mundos... De maneira  
Que em mysteriosas duvidas fluctuas,  
Vida de vidas multiplas herdeira !

Servo da gleba, escravo das charruas  
Foste, ou soldado errante na sangueira,  
Ou mendigo de rojo pelas ruas,  
Ou martyr na tortura e na fogueira...

Por isso, arquejas num pavor sem nome,  
Num luto sem razão: velhos gemidos,  
Angustias ancestraes de sede e fome,

Dores grandevas, seculares prantos,  
Desesperos talvez de heroes vencidos,  
Humilhações de victimas e santos...



P E S A D E L O .

A's vezes, uma vida abominanda  
 Vives no somno, em que a horrida matula  
 Dos incubos e súculos te manda  
 O echo do inferno que referve e ullula.

Um mundo torpe nos teus sonhos anda:  
 O odio, a perversidade, a inveja, a gula,  
 Espiritos da terra, sarabanda  
 Das grosseiras paixões que a treva açula...

Assim, á noite, no invio da floresta,  
 No mysterios das sombras, entre os pios  
 Dos noitibós, o candomblé se apresta:

Batuques de capetas, rodopios  
 De curupiras e sacis em festa,  
 Em sinistros risinhos e assobios...



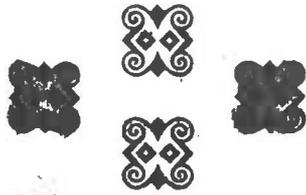
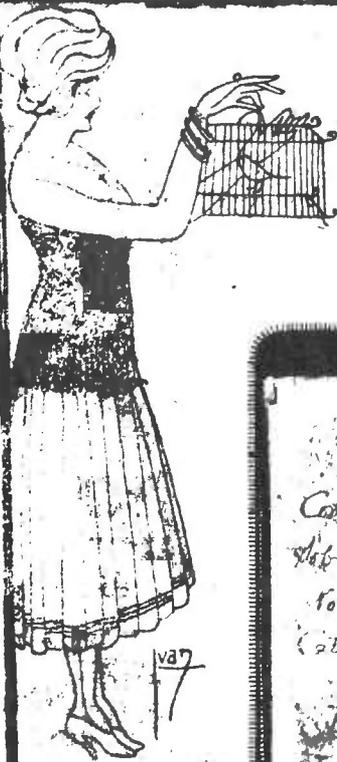
A Y A R A .

Vive dentro de mim, como num rio,  
Uma linda mulher, esquiva e rara,  
Num borbulhar de argenteos flocos, Yara  
De cabelleira de ouro e corpo frio.

Entre as nymphéas a namoro e espio;  
E ella, do espelho mobil da onda clara,  
Com os verdes olhos humidos me encara,  
E offerece-me o seio alvo e macio.

Precipito-me, no impeto de esposo,  
Na desesperação da gloria summa,  
Para a estreitar, louco de orgulho e gozo...

Mas nos meus braços a illusão se esfuma:  
E a mãe-da-agua, exhalando um ai piedoso,  
Desfaz-se em mortas perolas de espuma.



Requiem

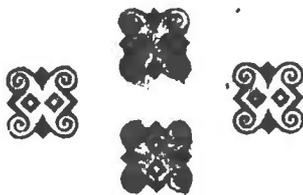
Cheio de versos, piedoso, o sol se inclina  
Sobre um pantão, e acendo o... água doce  
To, alto fundo, ergue alhandras de ouro e rosa,  
Estreitas de Krenlimos de prata fina,

Também de alta reza que nos domina,  
Tu, para sobre mim, sombra piedosa.  
Sinto em mim, como numa nebulosa,  
Mundos novos ardendo em luz divina.

São Torres vivas, cúpulas fulgentes,  
Luz botões igneos, - toda a arquitetura  
Em bondos que a ambição de Ideal encerra,

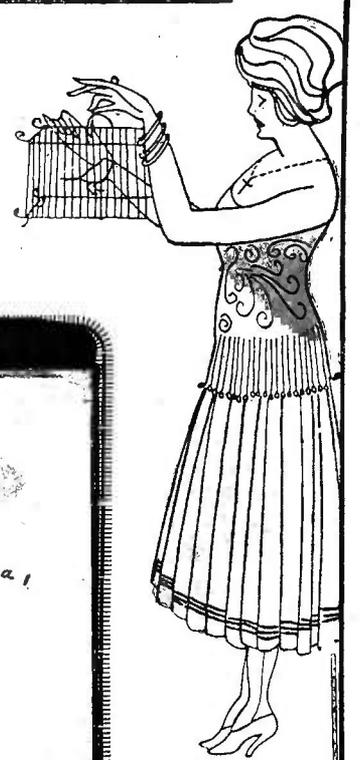
Subindo em largos saltos, em torres,  
Julgando o céu, para brilhar na altura  
E desparar a en versos sobre a terra.

Olavo Bilac





var



### Resurreção

Como as vezes, piedoso, o sol se inclina  
Sobre um pantano, e acende-o, e da água ascesa  
No alto fundo, ergue Alhambras de ouro e rosa,  
Cathedraes e Kremlin de prata fina,

Tambem, de alta rejião que nos domina,  
Tu pairas sobre mim, sombra piedosa:  
Sinto em mim, como numa nebulosa,  
Mundos novos, ardendo em luz divina...

São Torres vivas, cipolas fulgentes,  
Limboeios igneos, - toda a architectura  
Dos sonhos que a ambição de Ideal encerra,

Subindo em largos surtos, em torrentes,  
Galgando o céu, para brilhar na altura  
E desfazer-se em versos sobre a Terra.

Olavo Bilac





RESURREIÇÃO.

Como ás vezes, piedoso, o sol se inclina  
Sobre um pantano, e accende-o, e da agua ascosa  
No atro fundo, ergue Alhambras de ouro e rosa,  
Cathedraes e Kremlins de prata fina,

— Tambem, da alta região que nos domina,  
Tu pairas sobre mim, sombra piedosa:  
Sinto em mim, como numa nebulosa,  
Mundos novos, ardendo em luz divina...

São torres vivas, cupolas fulgentes,  
Zimborios igneos, toda a architectura  
Dos sonhos que a ambição do Ideal encerra,

Subindo em largos surtos, em torrentes,  
Galgando o ceu, para brilhar na altura  
E desfazer-se em versos sobre a terra...



B E N E D I C I T E !

Bemdito o que, na terra, o fogo fez, e o tecto;  
E o que uniu a charrúa ao boi paciente e amigo;  
E o que encontrou a enxada; e o que, do chão abjecto,  
Fez, aos beijos do sol, o ouro brotar do trigo;

E o que o ferro forjou; e o piedoso architecto  
Que ideou, depois do berço e do lar, o jazigo;  
E o que os fios urdiu; e o que achou o alphabeto;  
E o que deu uma esmola ao primeiro mendigo;

E o que soltou ao mar a quilha, e ao vento o panno;  
E o que inventou o canto; e o que creou a lyra;  
E o que domou o raio; e o que alçou o aeroplano...

Mas bemdito, entre os mais, o que, no dó profundo,  
Descobriu a Esperança, a divina mentira,  
Dando ao homem o dom de supportar o mundo !



S P E R A T E ,      C R E P E R I !

Não sei. Duvido e espero. Na anciedade,  
 Vago, entre vagas sombras. Se não rezo,  
 Sonho; e invejo dos crentes a humildade  
 E o orgulho dos philosophos desprézo.

Como um Job miseravel da verdade  
 E de receios farto como um Creso,  
 Adormeço a tristeza que me invade  
 E engano o coração cansado e lesado...

Talvez haja na morte o eterno olvido,  
 Talvez seja illusão na vida tudo...  
 Ou geme um deus em cada ser ferido...

Não affirmo, não nego. E' vão o estudo.  
 Quero clamar de horror, porque duvido;  
 Mas, porque espero, — espero, e fico mudo.



R E S P O S T A S   N A   S O M B R A .

"Soffro... Vejo envasado em desespero e lama  
 Todo o antigo fulgor, que tive na alma boa;  
 Abandona-me a gloria; a ambição me atraíçoa;  
 Que fazer, para ser como os felizes ?"

— Ama !

"Amei... Mas tive a cruz, os cravos, a coroa  
 De espinhos, e o desdem que humilha , e o dó que infama;  
 Calcinou-me a irrisão na destruidora chamma;  
 Padeço ! Que fazer, para ser bom ?"

— Perdoa !

"Perdoei... Mas outra vez, sobre o perdão e a prece,  
 Tive o opprobio; e outra vez, sobre a piedade, a injuria;  
 Desvairo ! Que fazer, para o consolo ?"

— Esquece !

"Mas lembro... Em sangue e fel, o coração me escorre:  
 Ranjo os dentes, remordo os punhos, rujo em furia...  
 Odeio ! Que fazer, para a vingança ?"

— Morre !



T R I L O G I A

- I -

P R O M E T H E U .

Filhas verdes do mar, e ó nuvens, num incenso,  
 Beijae-me ! e bemdizei o meu sangue e o meu pranto !  
 Quando succumbo e sou vencido, — exulto e venço:  
 A minha queda é gloria e o meu rugido é canto !

Sob os grilhões, espero; escravizado, penso;  
 E, morto, viverei ! Domando a carne e o espanto,  
 Invadindo de estrella a estrella o Olympto immenso,  
 Roubei-lhe na escalada o fogo sacrosanto !

Forjando o ferro, arando o chão, prendendo o raio,  
 Dei aos homens o ideal que anima, e o pão que nutre...  
 Debalde o odio, e o castigo, e as garras me consomem:

Quando soffro, maior, mais alto, quando caio,  
 Sou, entre a terra e o ceu, entre o Caucaso e o abutre,  
 — Sobre o martyrio, o orgulho, e, sobre os deuses, o  
 Homem !



- II -

HERCULES .

Que vale o orgulho ? A dor é, como a vida, eterna;  
 Mas a força defende, e a compaixão redime.  
 Sou, na humana floresta, a planta heroica e terna:  
 Contra a violencia um roble, e para a prece um vime.

Por onde reviveu, silvando, a hydra de Lerna,  
 Fuzilou no meu braço a colera sublime;  
 Os monstros persegui de caverna em caverna,  
 Suffoquei de antro em antro a peste, a infamia e o crime.

E, ó Homem, libertei-te !... E, emfim, depondo a clava,  
 Inerme semideus, sonhei, doce fiandeiro,  
 De roca e fuso, aos pés de Omphalia, num arrulho...

Alma livre no assomo, e na piedade escrava,  
 Sou raio e beijo, ardor e allivio, aguia e cordeiro,  
 — A força que liberta, e o amor que vence o orgulho !



- III -

J E S U S .

Mas sempre soffrerás neste valle medonho...  
Que importa ? Redemptor e martyr voluntario,  
Para a tua miseria um reino imaginario  
Invento, gloria e paz num futuro risonho.

Para te consolar, no opprobrio do Calvario,  
Hostia e victima, a carne, o sangue e a alma deponho:  
Nasce da minha morte a vida do teu sonho,  
E todo o choro humano embebe o meu sudario.

Só liberta a renuncia. O' triste ! a sombra immensa  
Dos braços d'esta cruz espalha sobre o mundo  
A utopia celeste, orvalho ao teu supplicio.

Sou a misericordia illusoria da crença:  
Sobre a força, a fraqueza; e, sobre o amor fecundo,  
A piedade sem gloria e o inutil sacrificio !



D A N T E   N O   P A R A I S O .

. . . Enfim, transpondo o Inferno e o Purgatorio, Dante  
Chegara á extrema luz, pela mão de Beatriz:

Triste no summo bem, triste no excelso instante,  
O poeta comprehendera o mal de ser feliz.

Saudoso, ao igneo horror do barathro distante,  
Ao vortice tartareo o olhar volvendo, quiz  
Regressar á gehenna, onde a turba ullulante  
Nos torvelins raivando arde na chamma ultriz:

E fatigou-o a paz do esplendor soberano;  
Dos reprobos lembrando a irrevogavel sorte,  
A estancia abominou do perpetuo prazer;

Porque no coração, cheio de amor humano,  
Sentiu que toda a Vida, até depois da morte,  
Só tem uma razão e um gozo só: soffrer !



B E E T H O V E N   S U R D O .

Surdo, na universal indiferença, um dia,  
Beethoven, levantando um desvairado appello,  
Sentiu a terra e o mar num mudo pesadelo...  
E o seu mundo interior cantava e restrugia.

Torvo o gesto, perdido o olhar, hirto o cabelo,  
Viu, sobre a orquestração que no seu craneo havia,  
Os astros em torpor na immensidade fria,  
O ar e os ventos sem voz, a natureza em gelo.

Era o nada, a eversão do chaos no cataclysmo,  
A syncope do som no paramo profundo,  
O silencio, a algidez, o vacuo, o horror no abysmo...

E Beethoven, no seu supremo desconforto,  
Velho e pobre, caiu, como um deus moribundo,  
Lançando a maldição sobre o universo morto !



M I L T O N    C E G O .

Desvendava-se ao cego o mysterio:

(As idades

Sem principio; de sol a sol, de terra a terra,  
A eterna combustão que maravilha e a terra,  
Geradora de bens e de ferocidades;

Cordilheiras de espanto e esplendor, serra a serra,  
De infinito a infinito; azas em tempestades,  
Thronos, Dominações, Virtudes, Potestades,  
Luz contra luz, furor de chamma e gloria em guerra;

E os rebeldes, rodando em rugidoras vagas;  
E o Eden, e a tentação, e, entre o opprobrio e a alegria,  
O amor florindo ao pé da amaldiçoada porta;

E o Homem em susto, o ceu em ira, o inferno em pragas;  
E, imperturbavel, Deus, na sua gloria !...)

Ardia

O poema universal numa retina morta.



M I G U E L - A N G E L O    V E L H O .

"Vieram-lhe o amor e a poesia, no declínio da vida. Na mocidade, foi de costumes austeros. Aos 51 annos, conheceu Vittoria Colonna; escreveu para ella canções, sonetos, madrigaes, exaltação do cerebro, temperada de mysticismo; ella admirou-o, mas não o amou. Quando Vittoria morreu, Buonrotti beijou a mão do cadaver, não ousando beijar-lhe a frente."

(M. MONNIER. "La Renaissance".)

E pensava: — "Perder a chamma peregrina,  
Que extrae da pedra um Deus, do barro immundo um Santo;  
E este punho, que alçou a cupola divina  
De São Pedro, e amassou "Moysés" de luz e espanto;

E esta alma, que architecta os mundos na officina:  
O "Dia", força e graça, e a "Noite", sombra e encanto,  
E o "Juizo Final" da Capella Sixtina,  
E "Judith", flor de sangue, e "Pietà", flor de pranto;

Tudo: tinta, pincel, escopro, camartelo,  
Ouro, fama, poder, gloria, genio, virtude,  
— Por um milagre só, no amor que me abandona:

Morrer, e renascer ardente, moço, bello,  
E, como o meu "David", clarão de juventude,  
Apparecer, sorrindo, a Vittoria Colonna !"



N O T R O N C O D E G O A .

Camões soffre, na infamia da clausura,  
Pária sem honra, naufrago sem nome;  
E rala, na saudade que o consome,  
O pobre peito contra a pedra dura.

Osseu genio illumina a abjecta lura...  
Mas a vida das carnes se lhe some:  
Mingua de pão, e, outra mais negra fome,  
Indigencia de beijos e ventura.

Do proprio fel, dos intimos venenos,  
Faz a gloria da patria e a luz da raça;  
E chora, na ignominia. Mas, ao menos,

Possue, na mesquinhez da terra crassa  
E na vergonha de homens tão pequenos,  
O orgulho de ser grande na desgraça.



E D I P O

- - I - -

A P I T H I A .

"Repetiu-me Apollo o vaticinio:  
que eu seria o assassino de meu paê  
e rei; e marido de minha mãe, sem  
a conhecer; e tronco de uma prole  
infame !..."

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

Em Delphos. Com pavor, de pé, no ádito escuro,  
Edipo escuta... O deus, rugindo de ira e ameaça,  
Pela boca da Pithia em extase, devassa  
O tempo, e o arcano veu destrama do futuro:

"Rolarás do fastigio á ignominia e á desgraça !  
"Rompendo de um mysterio o impenetravel muro,  
"Num solio ensanguentado e num thalamo impuro  
"Gerarás, parricida, a mais odiosa raça !"

E' a Esphinge, a gloria, o reino, o assassino de Laio,  
E o amor sinistro... Assim troveja a voz de Apollo  
E enche o sacrario... O ceu carrega-se de bruma;

Fuzila; estruge o chão. reboa no antro o raio...  
E, emquanto Edipo tomba inanime no solo,  
Sobre a tripode a Pithia, em baba, ullula e escuma.



- - II - -

A E S P H I N G E .

"Bemvindo sejas á cidade de Cadmo,  
nosso libertador e nosso rei, que, com  
a tua penetração de espirito e o auxi-  
lio divino, levantaste o tributo de  
sangue que pagavamos á cruel Esphinge!"

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

Perto de Thebas, junto a um monte, sobre o Ismeno,  
Agua e mulher, serpente e abutre, deusa e harpia,  
Tapando a estrada, á espera, — aterrava e sorria  
O monstro seductor, horrivel e sereno:

"Devoro-te, ou decifra !" Era fascinio e aceno;  
A voz, morna e sensual, tinha affecto e ironia,  
Graça e repulsa; e a luz dos olhos escorria  
Fluido filtro, estillando um perfido veneno.

Mas Edipo desvenda o enigma... Ruge em furia  
O Grifo, e escarva o chão, bate contra o rochedo,  
Rola em vascas, em sangue ardente e areia tinge,

E fita o campeador no uivar da extrema injuria...  
E o Heroe recua, vendo, entre esperança e medo,  
Rancor e compaixão no verde olhar da Esphinge.



- - III - -

J O C A S T A .

"Trevas espessas ! eterna,  
horribel noite ! sou dilacera-  
do pelo espinho da dôr e pela  
memoria dos meus crimes !"

(SOPHOCLES. Edipo-Rei.)

Edipo vê cumprir-se o oraculo funesto:  
Thebas entregue, em luto, á peste que a devasta,  
E, sobre o throno em sanie e o leito deshonesto,  
Morta, infamia da terra e asco do ceu, Jocasta.

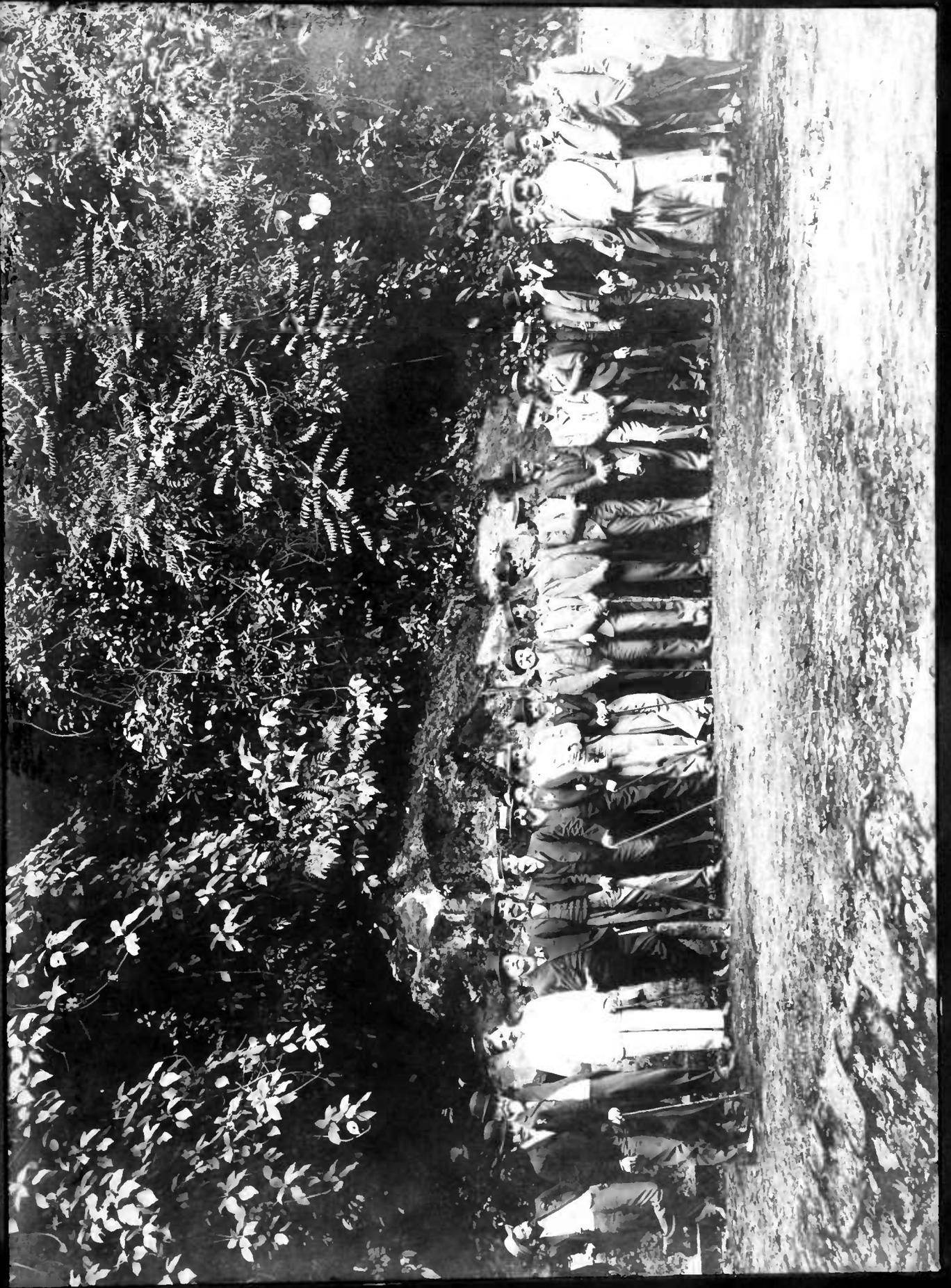
Louco, vociferando, erguendo a grita e o gesto  
Contra os deuses, mordendo a poeira em que se arrasta,  
O misero, medindo o parricidio e o incesto,  
Quer da vista apagar a lembrança nefasta:

Os dois olhos, ás mãos, das orbitas arranca  
Em sangue borbotando, em lagrimas fervendo,  
Para o pavor matar na esmagada retina...

Mas, cego embora, — vê Jocasta hedionda, branca,  
Enforcada, a oscillar, como um pendulo horrendo,  
Compassando, fatal, a maldição divina.



Pic-Nic na Tijuca, realizado  
em 26 de Dezembro de 1900  
para comemorar o  
aniversario  
do poeta  
Olavo Bilac





- - IV - -

A N T I G O N A .

"Disse-me tambem o oraculo que  
morrerei aqui, quando tremera ter-  
ra, quando o trovão rolar, quando  
o espaço brilhar..."

(SOPHOCLES. Edipo em Colona.)

A terra treme. Rola o trovão. Brilha o espaço.  
Chega Edipo a Colona, em andrajos, immundo,  
Sombra anciosa a fugir do proprio horror profundo,  
Ruina humana a cair de miseria e cansaço.

Mas, quando o ancião vacilla, orphão da luz do mundo,  
—Antigona lhe estende o coração e o braço,  
E, filha e irmã, recolhe ao maternal regaço  
O rei sem throno, o pae sem honra, moribundo.

E' o ninho (a terra treme...) amparando o carvalho,  
A flor sustendo o tronco ! Edipo (o espaço brilha...)  
Sorri, como um combusto areal bebendo o orvalho.

E' o fim (rola o trovão...) da miseranda sorte:  
O cego vê, fitando o ceu do olhar da filha,  
Na cegueira o esplendor, e a redempção na morte.





C L E O P A T R A .

"Cleopatra diffidava... Fu persuasa che il vincitore la destinava al trionfo... Ottaviano, corse in gran fretta a salvare la sua preda, la trovó, sul letto, adorna della sua piú bella veste di regina, adormentata per sempre..."

(G. Ferrero. Grandezza e decadenza di Roma.)

Não ! que importava a quéda, e o epilogo do drama:  
O throno, o sceptro, o povo, o exercito, o thesouro,  
As provincias, a gloria, e as naus, no sorvedouro  
De Actium, e Alexandria entregue ao saque e á chamma ?

Não ! que importava o horror da entrada em Roma: a fama  
De Octavio, e o seu triumpho, entre a purpura e o louro,  
E a plebe em grita, e o ceu cheio das aguias de ouro,  
E o Egypto, e o seu imperio, e os seus tropheus, na lama ?

Não ! Que importava o amor perdido ? Que importava  
O naufragio do orgulho, a vergonha, a tortura  
Do odio do vencedor ou da piedade alheia ?

Mas entrar desgrenhada, envelhecida, escrava,  
Rota, sem o arraiar da sua formosura,  
Sol sem fulgor...

Matou-a o medo de ser feia.



A VELHICE DE ASPASIA .

Velha, Aspasia, como um clarão, na Academia  
 E na ágora, surgia e offuscava as mais bellas;  
 E, sob as cans, e sob as roupagens singelas,  
 Aureolada do amor de Pericles, sorria...

Do Hellesponto, do Egeu, do Jonio em romaria  
 Vinham vel-a e admiral-a ephebos e donzellas.  
 E elles: "Que sol nos teus cabellos brancos !" E ellas:  
 "Brilha mais do que a aurora o final do teu dia !"

Ella e a Acrópole, frente a frente, alvas, serenas,  
 Unidas no esplendor, gemeas na majestade,  
 Eram a fôrma e a idéa, illuminando Athenas.

Aspasia, deusa clara e simples, na moldura  
 Do ceu, nume feliz, perfumava a cidade...  
 Era uma religião a sua formosura !



A R A I N H A D E S A B A.

"REIS. I. III. C. X. 13.— O Rei Salomão deu á rainha de Sabá o que ella lhe desejou, e lhe pediu, afora os presentes que elle mesmo lhe deu com liberalidade real. A rainha voltou, e se foi para o seu reino com os seus servos."

— "Que mais queres ? Sião ? e, entre os bosques sombrios,

O meu collar de cem cidades deslumbrantes ?

O Libano, pompeando em paços, em mirantes,

Em cedros, em pavões, em corças, em bugios ?

O povo de Israel, em tribus formigantes

Do Euphrates ao Mar Morto e o Egypto ? Os meus navios,

As esquadras de Hirão, coalhando o oceano e os rios,

Atestadas de prata e dentes de elephantes ?

O meu leito, ainda olente e morno do teu somno ?

O sceptro ? O gyneceu, e a guarda, e as mil mulheres

Como escravas, rojando aos teus pés ? O meu throno ?

Os vasos do holocausto ? O templo de ouro e jade ?

A ara, em sangue e fulgor, ante Jehovah ?... Que queres?"

. . . . .

— "O teu ultimo beijo... o deserto... e a saudade..."



A M O R T E D E O R P H E U .

"Em vão as bacchantes da Thracia procuraram consolal-o. Mas Orpheu, fiel ao amor de Eurydice, encarcerada no Averno, repelliu o amor de todas as outras mulheres. E estas, despeitadas, esquartejaram-no."

Houve gemidos no Ebro e no arvoredo,  
Horror nas feras, pranto no rochedo;  
E fugiram as Ménadas, de medo,  
Espantadas da propria maldição.

Luz da Grecia, pontifice de Apollo,  
Orpheu, despedaçada a lyra ao collo,  
A carne rota ensanguentando o solo,  
Tombou... E abriu-se em musicas o chão...

A boca anciosa um nome disse, um grito,  
Rolando em beijos pelo nome dito:  
"Eurydice !", e expirou... Assim Orpheu,

No ultimo canto, no supremo brado,  
Pelo odio das mulheres trucidado,  
Chorando o amor de uma mulher, morreu...

G I O C O N D A .

Deu-te o grande Leonardo ao sorriso a ironia,  
Insidia e eterno ardil, na luminosa teia:  
Tal, a Bellerophonte a Chimera sorria,  
E a Esphinge de Gizeh sorri na adusta areia...

A cilada do amor, o embuste da utopia,  
O desejo, que abraza, e a esperança, que enleia,  
Chispam na tua boca impenetravel, fria...  
Seduzes, atravez dos seculos, sereia !

Esse leve clarão no teu labio, indeciso,  
E' a dobrez ancestral, a malicia primeva  
Da Isis, da peccadora altriz do Paraiso:

Porque, para extrahir as gerações da treva,  
A' serpe, e a Adão, e a Deus, com o teu mesmo sorriso,  
Sorria, astuta e forte, a mãe das raças, Eva.



N A T A L .

No ermo agreste, da noite e do presepe, um hymno  
De esperança presaga enchia o ceu, com o vento...  
As arvores: "Serás o sol e o orvalho !" E o armento:  
"Terás a gloria !" E o luar: "Vencerás o destino !"

E o pão: "Darás o pão da terra e o pão divino !"  
E a agua: "Trarás allivio ao martyr e ao sedento !"  
E a palha: "Dobrarás a cerviz do opulento !"  
E o tecto: "Elevarás do opprobrio o pequenino !"

E os reis: "Rei, no teu reino, entrarás entre palmas !"  
E os pastores: "Pastor, chamarás os eleitos !"  
E a estrella: "Brilharás, como Deus, sobre as almas !"

Muda e humilde, porém, Maria, como escrava,  
Tinha os olhos na terra em lagrimas desfeitos:  
Sendo pobre, temia; e, sendo mãe, chorava.

(B)

Aos meus amigos de São Paulo

Se amos, e sonho, e padeco, - a recompensa  
É a melhor, que me daes, neste agardido:  
É esta ternura, sobre mim suspensa,  
Deve ter o valor de quanto valho.

Não tenho aroma que vos não pertença;  
Vem de vós a doçura e o bem que espalho;  
Valamos todos, pela nossa essência,  
Na Comunação de amor e de trabalho.

Operaris modesto, abelha pobre,  
De vós e para vós o mel fabrico,  
É abençoada a colmeia que nos cobre.

Só do labor geral me glorifico:  
Por ser de minha terra é que sou nobre,  
Por ser de minha gente é que sou rico.

São Paulo, 10 outubro 1915.

Clayton



Aos meus amigos de São Paulo

Se amo, e sonho, e padeco, - a recompensa  
É a melhor, que me daes, neste agasalho:  
D'esta ternura, sobre mim suspensa,  
Desce todo o valor do quanto valho.

Não tenho aroma que vos não pertença;  
Vem de vós a doçura e o bem que espalho;  
Valemos todos, pela nossa crença,  
Na Comunhão de amor e do trabalho.

Operario modesto, abelha pobre,  
De vós e para vós o mal fabrico,  
É abençoada a colmeia que nos cobre.

Só do labor geral me glorifico:  
Por ser da minha terra é que sou nobre,  
Por ser da minha gente é que sou rico.

São Paulo, 10 outubro 1915.

Olavo Bilac



AOS MEUS AMIGOS DE SÃO PAULO.

Se amo, padeço, e sonho, a recompensa  
E' a melhor que me daes, neste agazalho:  
D'esta ternura, sobre mim suspensa,  
Desce todo o valor do quanto valho.

Não tenho aroma que vos não pertença:  
Vêm de vós a doçura e o bem que espalho;  
Valemos todos pela nossa crença,  
Na communhão do amor e do trabalho.

Operario modesto, abelha pobre,  
De vós e para vós o mel fabrico,  
E abenço a colmeia que nos cobre.

Só do labor geral me glorifico:  
Por ser da minha terra é que sou nobre,  
Por ser da minha gente é que sou rico.



A UM POETA .

Longe do esteril turbilhão da rua,  
Benedictino, escreve ! No aconchego  
Do claustro, na paciencia e no socego,  
Trabalha, e teima, e lima, e sofre, e súa !

Mas que na fôrma se disfarce o emprego  
Do esforço; e a trama viva se construa  
De tal modo, que a imagem fique nua,  
Rica mas sobria, como um templo grego.

Não se mostre na fabrica o supplicio  
Do mestre. E, natural, o effeito agrade,  
Sem lembrar os andaimes do edificio:

Porque a Belleza, gemea da Verdade,  
Arte pura, inimiga do artificio,  
E' a força e a graça na simplicidade.



V I L L A - R I C A .

O ouro fulvo do occaso as velhas casas cobre;  
 Sangram, em laivos de ouro, as minas, que a ambição  
 Na torturada entranha abriu da terra nobre:  
 E cada cicatriz brilha como um brazão.

O angelus plange ao longe em doloroso dobre.  
 O ultimo ouro do sol morre na cerração.  
 E, austero, amortalhando a urbe gloriosa e pobre,  
 O crepusculo cae como uma extrema-uncção.

Agora, para alem do cerro, o ceu parece  
 Feito de um ouro ancião que o tempo ennegreceu...  
 A neblina, roçando o chão, ciccia, em prece,

Como uma procissão espectral que se move...  
 Dobra o sino... Soluça um verso de Dirceu...  
 Sobre a triste Ouro-Preto o ouro dos astros chove.



NEW - YORK .

Resplandeces e ris, ardes e tumultuas;  
 Na escalada do ceu, galgando em furia o espaço,  
 Sobem do teu tear de praças e de ruas  
 Atlas de ferro, Anteus de pedra e Brontes de aço.

Gloriosa ! Prometheu revive em teu regaço,  
 Delira no teu genio, enche as arterias tuas,  
 E combure-te a entranha arfante de cansaço,  
 Na incessante criação de assombros em que estuas.

Mas, com as tuas Babeis, debalde o ceu recortas,  
 E pesas sobre o mar, quando o teu vulto assoma,  
 Como a recordação da Thebas de cem portas:

Falta-te o Tempo, — o vago, o religioso aroma  
 Que se respira no ar de Lutécia e de Roma,  
 Sempre moço perfume ancião de idades mortas...



U L T I M O   C A R N A V A L .

Incola de Suburra ou de Sybaris,  
Nasceste em saturnal; viveste, estulto,  
Na folia das feiras, no tumulto  
Dos caravançarás e dos bazares;

Morreste, em plena orgia, entre os esgares  
Dos arlequins, no delirante culto:  
E a saudade terás, depois sepulto,  
Heroe folião, dos carnavaes hilares...

Talvez, quem sabe ? a cova, que te esconda,  
Uma noite, entre fogos fatuos, se abra,  
Como uma boca escancarada em risos:

E saltarás, pinchando, numa ronda  
De espectros aos tantans, dança macabra  
De esqueletos e lemures aos guizos...



F O G O   F A T U O .

Cabellos brancos ! dae-me, emfim, a calma  
 A esta tortura de homem e de artista:  
 Desdem pelo que encerra a minha palma,  
 E ambição pelo mais que não exista;

Esta febre, que o espirito me encalma  
 E logo me enregela; esta conquista  
 De idéas, ao nascer, morrendo na alma,  
 De mundos, ao raiar, murchando á vista:

Esta melancolia sem remedio,  
 Saudade sem razão, louca esperança  
 Ardendo em choros e findando em tedio;

Esta anciedade absurda, esta corrida  
 Para fugir o que o meu sonho alcança,  
 Para querer o que não ha na vida !



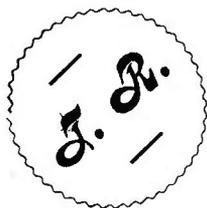
I N N O C E N C I A .

Como, em vez de uma paz desilludida,  
Posso eu ter, nesta idade, esta confiança,  
Que me leva a correr a toda brida  
Na pista de uma sombra de esperança ?

Esta velhice ingenua me intimida:  
Tanto ardor, tanta fé, que me não cansa,  
E, em mais de meio seculo de vida,  
Tanta credulidade de criança !

Rio, innocente, ao sol, como uma rosa;  
Ainda architecto mundos sobre a areia;  
Anoiteço em miragem luminosa...

E ainda imagino a minha taça cheia,  
E emborco-a: "Oh ! Vida !..."; e quero-a, e acho-a formosa,  
Como se não soubesse quanto e feia !



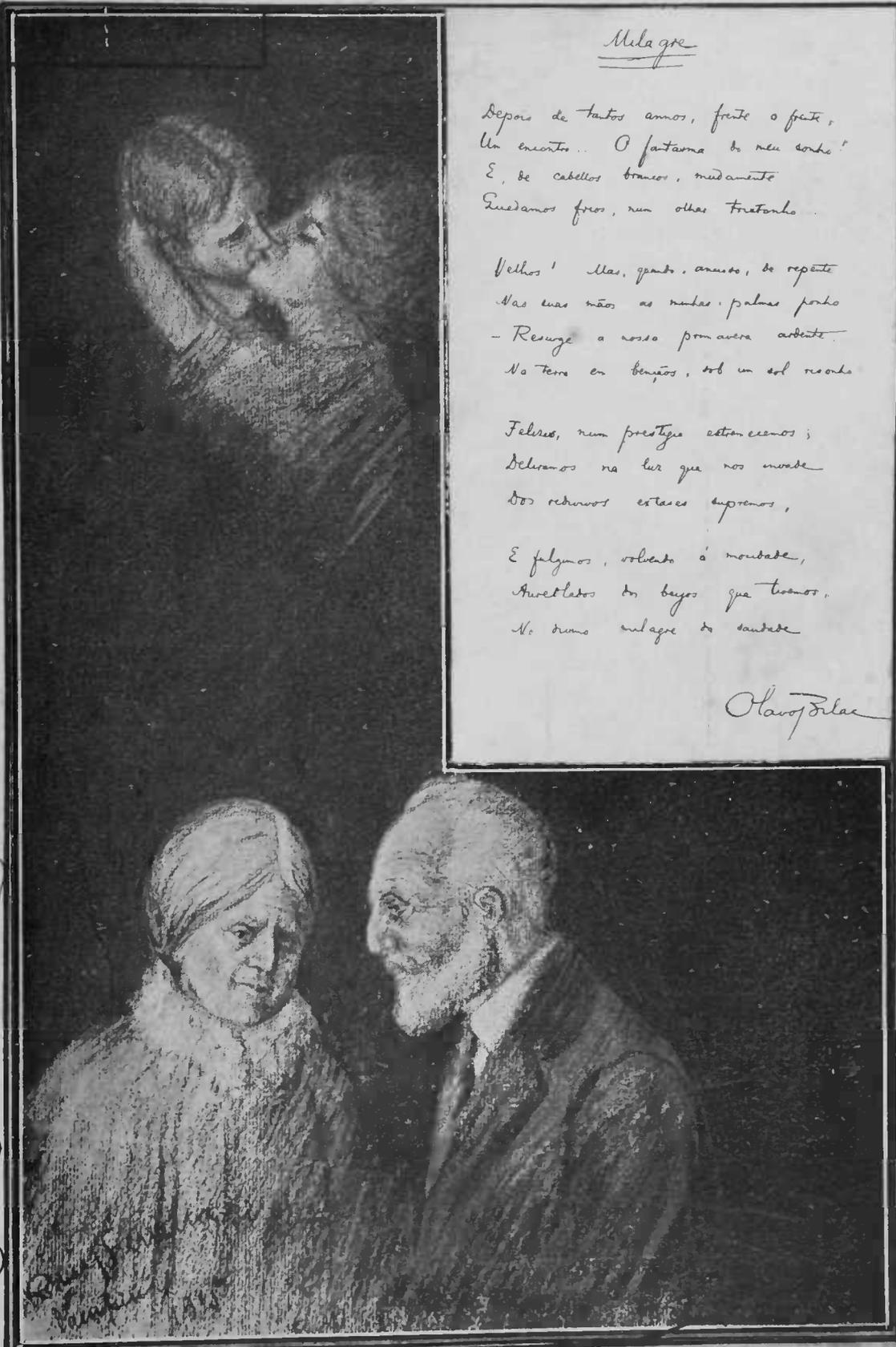
RE M O R S O .

A's vezes, uma dor me desespera...  
 Nestas ancias e duvidas em que ando,  
 Scismo e padeço, neste outono, quando  
 Calculo o que perdi na primavera.

Versos e amores suffoquei calando,  
 Sem os gozar numa explosão sincera...  
 Ah ! mais cem vidas ! com que ardor quizera  
 Mais viver, mais penar e amar cantando !

Sinto o que espedicei na juventude;  
 Choro, neste começo de velhice,  
 Martyr da hypocrisia ou da virtude,

Os beijos que não tive por tolice,  
 Por timidez o que soffrer não pude,  
 E por pudor os versos que não disse !



Milagre

Depois de tantos anos, frente a frente,  
Um encontro... O fantasma do meu sonho!  
E, de cabelos brancos, mudamente  
Quedamos fiéis, num olhar fraterno...

Velhos! Mas, quando, anueto, de repente  
Das suas mãos as minhas palavras pingo  
- Resurge a nossa pomarosa arbore  
Na terra em benção, sob um sol risonho

Felizes, num prestígio atônico nos;  
Deliramos na luz que nos invade  
Dos reinos eternos supremos,

E folgamos, volubres à montanha,  
Invelados do beijo que tomamos.  
No druzo milagre da saudade

Cláudio Felício



M I L A G R E .

Depois de tantos annos, frente a frente,  
Um encontro... O fantasma do meu sonho !  
E, de cabellos brancos, mudamente,  
Quedamos frios, num olhar tristonho.

Velhos !... Mas, quando, ancioso, de repente,  
Nas suas mãos as minhas palmas ponho,  
Resurge a nossa primavera ardente,  
Na terra em bençãos, sob um sol risonho:

Felizes, num prestígio, estremecemos;  
Deliramos, na luz que nos invade  
Dos redivivos extases supremos;

E fulgimos, volvendo á mocidade  
Aureolados dos beijos que tivemos,  
No divino milagre da saudade.



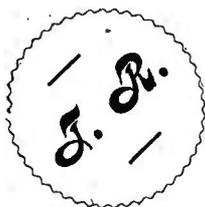
A C I L A D A .

O perfume, o silencio, a sombra... Os ninhos  
Emmudecem... E temos, sonhadores,  
A humildade das ervas nos caminhos  
E uma innocencia de anjos entre as flores.

Mas ha na tarde morna ignotos vinhos,  
Secretos filtros, perfidos vapores,  
Amavios, feitiços e carinhos  
Molles, quebrados e perturbadores...

E, de repente, o incendio dos sentidos:  
As mãos frias tacteando na anciedade,  
As bocas que se buscam num queixume,

E o corpo, o sangue, o espirito perdidos,  
E a febre, e os beijos... e a cumplicidade  
Da sombra, do silencio, do perfume...



P E R F E I Ç Ã O .

Nunca entrarei jámais o teu recinto:  
Na seducção e no fulgor que exhalas,  
Ficas vedada, num radiante cinto  
De riquezas, de gozos e de galas.

Amo-te, cobiçando-te... E, faminto,  
Adivinho o esplendor das tuas salas,  
E todo o aroma dos teus parques sinto,  
E ouço a musica e o sonho em que te embalas.

Eternamente ao meu olhar pompeias,  
E olho-te em vão, maravilhosa e bella,  
Adarvada de altissimas ameias.

E á noite, á luz dos astros, a horas mortas,  
Rondo-te, e arquejo, e choro, ó cidadella !  
Como um barbaro uivando ás tuas portas !



M E S S I D O R O .

Porque chorar ? Exulta, satisfeita !  
 E's, quando a mocidade te abandona,  
 Mais que bella mulher, mulher perfeita,  
 Do completo fulgor senhora e dona.

As derradeiras messes aproveita,  
 E goza ! A antevelhice é uma Pomona,  
 Que, se esmerando na final colheita  
 Dos frutos aureos, a paixão sazona.

Ama ! e frue o delirio, a febre, o ciume,  
 E todo o amor ! E morre como um dia  
 Em fogo, como um dia que resume

Toda a vida, em anceios, em poesia,  
 Em gloria, em luz, em musica, em perfume,  
 Em beijos, numa esplendida agonia !



S A M A R I T A N A .

Numa volta de estrada, em sede insana,  
 Vi-te. Ao lado, a frescura da cisterna.  
 E tinhas a expressão piedosa e terna,  
 Como na Biblia, da Samaritana.

Deste-me de beber. Mas quanto engana,  
 A's vezes, a piedade, e a esmola inferna !  
 Deste-me de beber da fonte eterna,  
 De onde a torrente dos remorsos mana.

Com a agua que me deste (que contraste  
 De ti para a mulher de Samaria !)  
 A boca e o coração me envenenaste:

Maior do que o da sêde, este tormento,  
 Esta ancia singular, esta agonia  
 Que é de saudade e de arrependimento !



U M B E I J O .

Foste o beijo melhor da minha vida,  
Ou talvez o peor... Gloria e tormento,  
Comtigo á luz subi do firmamento,  
Comtigo fui pela infernal descida !

Morreste, e o meu desejo não te olvida:  
Queimas-me o sangue, enches-me o pensamento,  
E do teu gosto amargo me alimento,  
E rolo-te na boca malferida.

Beijo extremo, meu premio e meu castigo,  
Baptismo e extrema-uncção, naquelle instante.  
Porque, feliz, eu não morri comtigo ?

Sinto-te o ardor, e o crepitar te escuto,  
Beijo divino ! e aneio, delirante,  
Na perpetua saudade de um minuto...

C R I A Ç Ã O .

Ha no amor um momento de grandeza,  
Que é de inconsciencia e de extase bemdito:  
Os dois corpos são toda a Natureza,  
As duas almas são todo o Infinito.

E' um mysterio de força e de surpresa !  
Estala o coração da terra, afflicto;  
Rasga-se em luz fecunda a esphera acceza,  
E de todos os astros rompe um grito.

Deus transmite o seu halito aos amantes:  
Cada beijo é a sancção dos Sete Dias,  
E a Genese fulgura em cada abraço;

Porque, entre as duas bocas soluçantes,  
Rola todo o Universo, em harmonias  
E em glorificações, enchendo o espaço !



M A T E R N I D A D E .

"O Senhor disse á mulher: Porque fizeste isto ? Eu multiplicarei os teus trabalhos !"

(Gen. Cap. III.)

Ventre martyr, a rutila visita  
 Do amor fecundo te arrancou do somno:  
 E irradias, lampejas como um throno  
 De animado marfim que á luz palpita !

Ergues-te, em esto de orgulhoso entono:  
 Fere-te emfim a maldição bemdita !  
 Tens o viço da Terra, quando a agita,  
 Rico de orvalhos e de sóes, o outono.

Augusto, em gozo eterno, o teu supplicio...

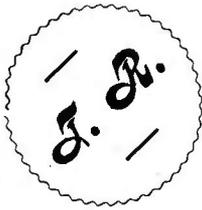
Feliz a tua dor propiciatoria...

— Rasga-te, altar do torturante auspicio,

E abra-se em flores tua alvura eborea,

Ensanguentada pelo sacrificio,

Para a maternidade e para a gloria !



O S A M O R E S D A A R A N H A .

Com o velludo do ventre a palpitar hirsuto  
 E os oito olhos de braza ardendo em febre estranha,  
 Vede-a: chega ao portal do intrincado reducto,  
 E na gloria nupcial do sol se aquece e banha.

Moscas ! podeis revcar, sem medo á sua sanha:  
 Molle e tonta de amor, pendente o palpo astuto,  
 E recolhido o anzol da mandibula, a aranha  
 Anciosa espera e attrae o amante de um minuto...

E eil-o corre, eil-o acode á festa e á morte ! Um hymno  
 Curto e louco, um momento, abala e inflamma o fausto  
 Do aranhol de ouro e seda... E o aguilhão assassino

Da esposa satisfeita abate o noivo exausto,  
 Que cae, sentindo a um tempo, — invejavel destino !  
 A tortura do espasmo e o gozo do holocausto.



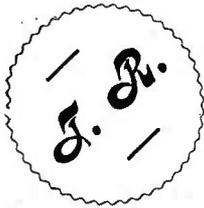
O S A M O R E S D A A B E L H A .

Quando, em pronubo aneio, a abelha as azas sólta  
 E escala o espaço, — ardendo, exul do corcho cereo,  
 Louca, se precipita a sussurrante escolta  
 Dos noivos zonzos, voando ao nupcial mysterio.

Em breve, succumbindo, o enxame arqueja, e volta...  
 Mas o mais forte, um só, senhor do excelso imperio,  
 Segue a esquiva, e, em zunzum zeloso de revolta,  
 Entoa o epithalamio e o cantico funereo:

Toca-a, fecunda-a, e vence, e morre na victoria...  
 A esposa, livre, ao sol, no alto do firmamento,  
 Paira, e, rainha e mãe, zumbe de orgulho e gloria;

E, rodopiando, inerte, o suicida sublime,  
 Entre as benções da luz e os hosannas do vento,  
 Rola, martyr feliz do delicioso crime.



S E M P E R    I M P E N D E T . . .

Se amas, se da velhice entras a porta escura,  
 Maldize o teu amor, que é um triste adeus á vida !  
 Porque no teu amor de velho se mistura  
 Ao enlevo de um noivo a angustia de um suicida.

Louco ! vês entrabrir-se a cova, na doçura  
 Do aconchego nupcial que ao gozo te convida;  
 E, na incerteza atroz da caricia futura,  
 Cada affago te dóe como uma despedida.

Soffres um estertor em cada abraço, um grito  
 Em cada beijo, em cada anseio uma saudade:  
 E' um rolar, um ferver num inferno infinito !

No desesperador prazer do teu transporte,  
 Sentes a crisperação da treva que te invade,  
 O doloroso amargo antesabor da morte...



O OITAVO PECCADO .

Vivendo para a morte, alegre da tristeza,  
 Temendo o fogo eterno e a damnação sulfurea,  
 Gelaste no cilicio, em ascetica furia,  
 A alma ridente, o sangue em estô, a carne accesa.

Foste martyr e heroe da propria natureza.  
 Intacto de ambição, de desejo ou de injuria,  
 Para ganhar o ceu, venceste a ira, a luxuria,  
 A gula, a inveja, o orgulho, a preguiça e a avareza.

Mas não amaste ! E, alem do Inferno, um outro existe,  
 Onde é mais alto o choro e o horror dos renegados:  
 Alli, penando, tu, que o amor nunca sentiste,

Pagarás sem amor os dias dissipados !  
 Esqueceste o peccado oitavo: e era o mais triste,  
 Mortal, entre os mortaes, de todos os peccados !



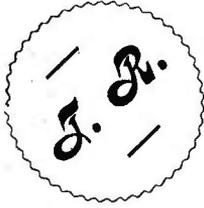
SALUTARIS PORTA .

Para conter aquella immensa chamma,  
 Os nossos corações eram pequenos:  
 Tivemos medo da paixão... E ao menos  
 Não vimos tanto ceu mudado em lama !

O velario correu-se antes do drama...  
 E não houve perfidias nem venenos  
 Entre os nossos espiritos serenos,  
 Que a saudade do prologo embalsama.

Bemdigamos o amor que foi tão curto,  
 O sonho vago que expirou tão cedo,  
 Sossobrado no porto antes do surto !

Feliz o idyllio que não teve historia !  
 Salvando-nos do tedio, o nosso medo  
 Foi uma porta de ouro para a gloria !



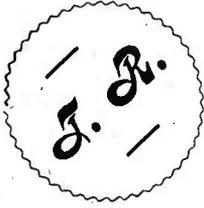
A S S O M B R A Ç Ã O .

Conheço um coração, tapera escura,  
Casa assombrada, onde andam penitentes  
Sombras e ecos de amor, e em que perdura  
A saudade, presença dos ausentes.

Evadidos da paz da sepultura,  
Num tatalar de tibias e de dentes,  
Revivem os fantasmas da ternura,  
Arrastando sudarios e correntes.

Rangem os gonzos no bater das portas,  
E os corredores enchem-se de prantos...  
Um mundo de avejões do chão se eleva,

Resuscitado pelas horas mortas:  
Erios abraços gemem pelos cantos,  
Beijos defuntos fogem pela treva.



PALMEIRA IMPERIAL.

Mostras na gloria um coração mesquinho...

Numa belleza esplendida, que aterra,  
 Passas desencadeando um ar de guerra,  
 Sem deixar um perfume no caminho.

Como a palmeira, não sustens um ninho !  
 Não és filha, mas hospeda da Terra;  
 Subjugando a planicie, na alta serra,  
 — Cruel ás vezes, seca de carinho.

Ha no deslumbramento do teu porte  
 Tedio, orgulho, desdem: talvez saudade  
 De outra vida, ambição talvez da morte...

Como a palmeira, tens a magestade,  
 E d'ella tens a desgraçada sorte:  
 A avareza da sombra e da piedade.



DIAMANTE NEGRO .

Vi-te uma vez, e estremecei de medo...

Havia susto no ar, quando passavas:

Vida morta enterrada num segredo,

Lethargico vulcão de ignotas lavas.

Ias como quem vae para um degredo,

De invisiveis grilhões as mãos escravas,

A marcha dubia, o olhar turvado e quedo

No roxo abismo das olheiras cavas...

Aonde ias ? aonde vaes ? Foge o teu vulto;

Mas fica o assombro do teu passo errante,

E fica o sopro d'esse inferno occulto,

O horrivel fogo que contigo levas,

Incomprehendido mal, negro diamante,

Sol sinistro e abafado ardendo em trevas.



P A L A V R A S .

As palavras do amor expiram como os versos,  
Com que adoço a amargura e embalo o pensamento:  
Vagos clarões, vapor de perfumes dispersos,  
Vidas que não têm vida, existencias que invento;

Explendor cedo morto, ancia breve, universos  
De pó, que um sopro espalha ao torvelim do vento,  
Raios de sol, no oceano entre as aguas immersos,  
— As palavras da fé vivem num só momento...

Mas as palavras más, as do odio e do despeito,  
O "não !" que desengana, o "nunca !" que allucina,  
E as do aleive, em baldões, e as da mofa, em risadas,

Abrasam-nos o ouvido e entram-nos pelo peito:  
Ficam no coração, numa inercia assassina,  
Immoveis e immortaes, como pedras geladas.



M A R C H A    F U N E B R E .

"Thamuz, Thamuz, panmegas tethneke !..."

Como se ouviu no Epiro, outrora, o extremo grito  
 "Pan morreu !", — na amplidão reboe o meu lamento:  
 Torpe a ambição, perdido o amor, inane o alento,  
 Nestas baixas paixões de um seculo maldito !

Rolem threnos no oceano e elegias no vento !  
 Concentrae-vos na dor do funerario rito,  
 O' azas e illusões num miserere afflicto,  
 E, ó flores num repouso, e, ó sonhos num memento !

Bocas, bradando ao ceu de minuto em minuto,  
 Olhos, velando a terra em sudarios de pranto,  
 Corações, num rufar de tambores em luto,

Guaiaae, carpí, gemei ! e echoae de porto a porto,  
 De mar a mar, de mundo a mundo, a queixa e o espanto:  
 O grande Pan morreu de novo ! O Ideal é morto !



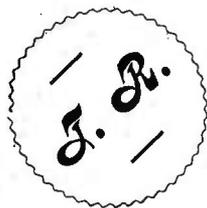
O T E A R .

A fieira zumba, o piso estala, chia  
O liço, range o estambre na cadeia;  
A machina dos Tempos, dia a dia,  
Na musica monotona vozeia.

Sem pressa, sem pezar, sem alegria,  
Sem alma, o Tecelão, que cabeceia,  
Carda, retorçe, estira, asseda, fia,  
Doba e entrelaça, na infindavel teia.

Treva e luz, ódio e amor, beijo e queixume,  
Consolação e raiva, gelo e chamma  
Combinam-se e consomem-se no urdume.

Sem principio e sem fim, eternamente  
Passa e repassa a aborrecida trama  
Nas mãos do Tecelão indifferente...



O C O M E T A .

Um cometa passava... Em luz, na penedia,  
Na herva, no insecto, em tudo uma alma rebrilhava;  
Entregava-se ao sol a terra, como escrava;  
Ferviam sangue e seiva. E o cometa fugia...

Assolavam a terra o terremoto, a lava,  
A agua, o cyclone, a guerra, a fome, a epidemia;  
Mas renascia o amor, o orgulho revivia,  
Passavam religiões... E o cometa passava,

E fugia, riçando a ignea cauda flava...  
Fenecia uma raça; a solidão bravia  
Povoava-se outra vez. E o cometa voltava...

Escoava-se o tropel das eras, dia a dia:  
E tudo, desde a pedra ao homem, proclamava  
A sua eternidade ! E o cometa sorria...



D I A L O G O .

O mancebo perfeito e o velho humilde e rude

Viram-se. E disse ao velho o mancebo perfeito:

"Gloria a mim ! sorvo o ceu num hausto do meu peito !"

E o velho: "Engana o ceu... Tudo na terra illude..."

"Rebentam roseiraeas do chão em que me deito !"

"A alma da noite embala a minha senectude..."

"Quando acordo, ha um clarão de graça e de saude !"

"Pudesse ser perpetua a calma do meu leito !"

"Quero vibrar, agir, vencer a Natureza,

Viver a Vida" "A Vida é um capricho do vento..."

"Vivo, e posso !" "O poder é uma illusão da sorte..."

"Heroe e deus, serei a belleza !" "A belleza

E' a paz !" "Serei a força !" "A força é o esquecimento..."

"Serei a perfeição !" "A perfeição é a morte !"



A V A T A R A .

Numa vida anterior, fui um cheik macilento  
E pobre... Eu galopava, o albornoz solto ao vento,  
Na soalheira candente; e, heróe de vida obscura,  
Possuia tudo: o espaço, um cavallo, e a bravura.

Entre o deserto hostile e o ingrato firmamento,  
Sem abrigo, sem paz no coração violento,  
Eu namorava, em minha altiva desventura,  
As areias na terra e as estrellas na altura.

A's vezes, triste e só, cheio do meu desgosto,  
Eu castigava a mão contra o meu proprio rosto,  
E contra a minha sombra erguia a lança em riste...

Mas o simun do orgulho enfunava o meu peito:  
E eu galopava, livre, e voava, satisfeito  
Da força de ser só, da gloria de ser triste !



A B S T R A C Ç Ã O .

Ha no espaço milhões de estrellas carinhosas,  
 Ao alcance do teu olhar... Mas conjecturas  
 Aquellas que não vês, igneas e ignotas rosas,  
 Viçando na mais longe altura das alturas.

Ha na terra milhões de mulheres formosas,  
 Ao alcance do teu desejo... Mas procuras  
 As que não vivem, sonho e affecto que não gozas  
 Nem gozarás, visões passadas ou futuras.

Assim, numa abstracção de numeros e imagens,  
 Vives. Olhas com tedio o planeta ermo e triste,  
 E achas deserta e escura a abobada celeste.

E morrerás, sósinho, entre duas miragens:  
 As estrellas sem nome — a luz que nunca viste,  
 E as mulheres sem corpo — o amor que não tiveste !



CANTILENA .

Quando as estrellas surgem na tarde, surge a esperança...  
 Toda alma triste no seu desgosto sonha um Messias:  
 Quem sabe ? o acaso, na sorte esquivada, traz a mudança  
 E enche de mundos as existencias que eram vasias !

Quando as estrellas brilham mais vivas, brilha a esperança...  
 Os olhos fulgem; loucas, ensaiam as azas frias:  
 Tantos amores ha pela terra, que a mão alcança !  
 E ha tantos astros, com outras vidas, para outros dias !

Mas, de azas fracas, baixando os olhos, o sonho cança;  
 No ceu e na alma, cerram-se as brumas, gelam as luzes:  
 Quando as estrellas tremem de frio, treme a esperança...

Tempo, o delirio da mocidade não reproduzes !  
 Dorme o passado: quantas saudades, e quantas cruces !  
 Quando as estrellas morrem na aurora, morre a esperança...

S O N H O .

Ter nascido homem outro, em outros dias,  
— Não hoje, nesta agitação sem gloria,  
Em traficancias e mesquinhasias,  
Numa apagada vida merencorea...

Ter nascido numa éra de utopias,  
Nos aureos cyclos epicos da Historia,  
Ardendo em generosas fantasias,  
Em rajadas de amor e de victoria:

Campeão e trovador da Idade Media,  
Heroe no galanteio e na cruzada,  
Viver entre um idyllio e uma tragedia;

E morrer em sorrisos e lampejos,  
Por um gesto, um olhar, um sonho, um nada,  
Traspassado de golpes e de beijos !



R U T H .

Pede pouco ! Mais tem do que um monarcha  
 O pobre, tendo o pouco que pedia:  
 E é rico, achando, ao terminar do dia,  
 Paz no espirito e pão no fundo da arca.

Triste, ó alma, a ambição que o mundo abarca !  
 Perde tudo quem quer a demasia.  
 Poupa o riso e o prazer ! porque a alegria  
 Tanto é mais doce quanto mais é parca.

Feliz, modesto coração, te dizes,  
 Quando vais, como Ruth, em muda prece,  
 Empós dos segadores mais felizes:

Feliz é o simples, que, feliz, procura  
 Uma espiga apanhar da alheia messe,  
 Um resto miseravel da ventura.

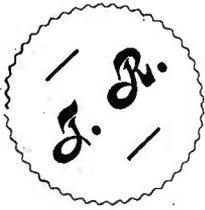
A B I S A G .

Cedes a um velho invalido e insensato,  
(Mais insensato do que tu !) sorrindo,  
A graça e o viço do teu corpo lindo,  
A tua formosura e o teu recato...

Em breve, louca ! o teu delirio findo,  
Comprenderás o horror d'este contrato:  
Ter dado aroma a quem não tem olfacto,  
Pedir amparo ao que já está caíndo.

Elle, um dia, amargando a sua gloria,  
Chorando o seu imperio e o teu degredo,  
O teu remorso e o seu pavor covarde,

Morrerá de vergonha na victoria:  
Triste illusão, que te acordou tão cedo !  
Fortuna triste, que o escolheu tão tarde !

ESTUÁRIO .

Viverei ! Nos meus dias descontentes,  
Não soffro só por mim... Soffro, a sangrar,  
Todo o infinito universal pezar,  
A tristeza das cousas e dos entes.

Alheios prantos, em cachões ardentes,  
Vêm ao meu coração e ao meu olhar:  
— Tal, num estuario immenso, acolhe o mar  
Todas as aguas vivas das vertentes.

Morre o infeliz, que unicamente encerra  
A propria dor, estrangulada em si...  
Mas vive a Vida que em meus versos erra;

Vive o consolo que deixei aqui;  
Vive a piedade que espalhei na terra...  
Assim, não morrerrei, porque soffri !

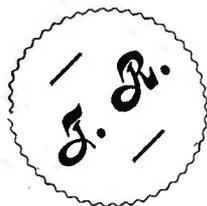
C O N S O L A Ç Ã O .

Penso ás vezes nos sonhos, nos amores,  
Que inflammei á distancia pelo espaço;  
Penso nas illusões do meu regaço  
Levadas pelo vento a alheias dores...

Penso na multidão dos soffredores,  
Que uma benção tiveram do meu braço:  
Talvez algum repouso ao seu cansaço,  
Talvez ao seu deserto algumas flores...

Penso nas amizades sem raizes,  
Nos affectos anonymos, dispersos,  
Que tenho sob os ceus de outros paizes...

Penso neste milagre dos meus versos:  
Um pouco de modestia aos mais felizes,  
Um pouco de bondade aos mais perversos...



P E N E T R A L I A .

Falei tanto de amor !... de galanteio,  
Vaidade e brinco, passatempo e graça,  
Ou desejo fugaz, que brilha e passa  
No relampago breve com que veio...

O verdadeiro amor, honra ou desgraça,  
Goso ou supplicio, no intimo fechei-o:  
Nunca o entreguei ao publico recreio,  
Nunca o expuz indiscreto ao sol da praça.

Não proclamei os nomes, que, baixinho,  
Rezava... E ainda hoje, timido, mergulho  
Em funda sombra o meu melhor carinho.

Quando amo, amo e deliro sem barulho;  
E, quando soffro, calo-me, e definho  
Na ventura infeliz do meu orgulho.



P R E C E .

Durma, de tuas mãos nas palmas sacrosantas,  
 O meu remorso. Velho e pobre, como Job,  
 Perdendo-te, a melhor de tantas posses, tantas,  
 Malsinado de Deus, perdi... Tu foste a só !

Ao ceu, por teu perdão, a minha alma, que encantas,  
 Suba, como por uma escada de Jacob !  
 Perdi-te... E eras a graça, alta entre as altas santas,  
 A sombra, a força, o aroma, a luz... Tu foste a só !

Tu foste a só !... Não valho a poeira que levantas,  
 Quando passas. Não valho a esmola do teu dó !  
 — Mas deixa-me chorar, beijando as tuas plantas,

Mas deixa-me clamar, humilhado no pó:  
 Tu, que em misericórdia as Madonas supplantas,  
 Acolhe a contrição do mau... Tu foste a só !



O R A Ç Ã O   A   C Y B E L E .

Deitado sobre a terra, em cruz, levanto o rosto  
Ao ceu e ás tuas mãos ferozes e esmoleres.

Mata-me ! Abençoarei teu coração, composto,  
O' mãe, dos corações de todas as mulheres !

Tu, que me dás amor e dor, gosto e desgosto,  
Gloria e vergonha, tu, que me affagas e feres,  
Aniquila-me ! E doura e embala o meu sol posto,  
Fonte ! berço ! mysterio ! Isis ! Pandora ! Ceres !

Que eu morra assim feliz, tudo de ti querendo:  
Mal e bem, desespero e ideal, veneno e pomo,  
Peccados e perdões, beijos puros e impuros !

E os astros sobre mim caiam de ti, chovendo,  
Como os teus crimes, como as tuas benções, como  
A doçura e o travor de teus cachos maduros !

E U T H A N A S I A .

Antes que o meu espirito no espaço  
Fuja em suspiro ethereo e vago fumo,  
Em versos e esperanças me consumo,  
E espalho sonhos pelo bem que faço.

Até no instante em que seguir o rumo  
Para o somno final no teu regaço,  
O' terra, sorverei, no extremo passo,  
Da vida em febre o capitoso sumo.

Seja a minha agonia uma centelha  
De gloria ! E a morte, no meu grande dia,  
Pairando sobre mim, como uma abelha,

Sugue o meu grito de ultima alegria,  
O meu beijo supremo, — flor vermelha  
Embalsamando a minha boca fria !

I N T R O I B O !

Sinto ás vezes, á noite, o invisivel cortejo  
De outras vidas, num chaos de clarões e gemidos:  
Vago tropel, voejar confuso, halito e beijo  
De cousas sem figura e seres escondidos...

Miseravel, percebo, em tortura e desejo,  
Um perfume, um sabor, um tacto incomprehendidos,  
E vozes que não ouço, e cores que não vejo,  
Um mundo superior aos meus cinco sentidos.

Ardo, aspiro, por ver, por saber, longe, acima,  
Fora de mim, alem da duvida e do espanto !  
E na sideração, que, um dia, me redima,

Liberto fluctuarei, feliz, no seio ethereo,  
E, ó Morte, rolarei no teu piedoso manto,  
Para o deslumbramento augusto do mysterio !



VULNERANT OMNES, ULTIMA NECAT.

Rio perpetuo e surdo, as serras esboroas,  
 Serras e almas, ó Tempo ! e, em mudas cataractas,  
 As tuas horas vão mordendo, aluindo, á toa...  
 Todas ferem, passando: e a derradeira mata.

Mas a vida é um favor ! De crepe, ou de ouro e prata,  
 Da injuria ou do perdão, do opprobrio ou da coroa,  
 Todas as horas, para o martyrio, são gratas !  
 Todas, para a esperança e para a fé, são boas !

Primeira, que, em meu ninho, os primeiros arrulhos  
 Me déste, e a minha Mãe déste um grito e um orgulho,  
 Bemdita ! E todas vós, bemditas, na ancia triste

Ou no clamor triumphal, que todas me feristes !  
 E bemdita, que sobre a minha cova aberta  
 Pairas, ultima, ó tu que matas e libertas !



FRUCTIDORO .

Fruto, depois de ser semente humilde e flor,  
 Na alta arvore nutriz da Vida amadureço.  
 Gozei, soffri, — vivi ! Tenho no mesmo apreço  
 O que ogozo me deu e o que me deu a dor.

Venha o inverno, depois do outono bemfeitor !  
 Feliz porque nasci, feliz porque envelheço,  
 Hei-de ter no meu fim a gloria do começo:  
 Não me verão chorar no dia em que me for.

Não me amedrontas, Morte ! o teu appello escuto,  
 Conto sem magua os sóes que me acercam de ti,  
 E sem tremer á porta ouço o teu passo astuto.

Leva-me ! Após a luta, o somno me sorri:  
 Cairei, beijando o galho em que fui flor e fruto,  
 Bendizendo a sazão em que amadureci !



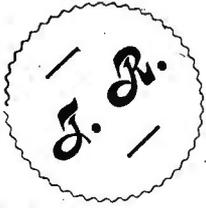
A O S   S I N O S .

Plangei, sinos ! A terra ao nosso amor não basta...  
 Cansados de ancias vis e de ambições ferozes,  
 Ardemos numa louca aspiração mais vasta,  
 Para transmigrações, para metempsychoses !

Cantae, sinos ! D'aqui, por onde o horror se arrasta,  
 Campas de rebeliões, bronzes de apotheoses,  
 Badalae, bimbalhae, tocae á esphera vasta !  
 Levae os nossos ais rolando em vossas vozes !

Em repiques de febre, em dobres a finados,  
 Em rebates de angustia, ó carrilhões, dos cimos  
 Tangei ! Torres da fé, vibrae os nossos brados !

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,  
 Toda a nossa tortura aos astros de onde vimos,  
 Toda a nossa esperança aos astros aonde iremos !



S Y M P H O N I A .

Meu coração, na incerta adolescência, outrora,  
 Delirava e sorria aos raios matutinos,  
 Num prelúdio incolor, como o allegro da aurora,  
 Em sistros e clarins, em pifanos e sinos.

Meu coração, depois, pela estrada sonora  
 Colhia a cada passo os amores e os hymnos,  
 E ia de beijo a beijo, em lasciva demora,  
 Num voluptuoso adagio em harpas e violinos.

Hoje, meu coração, num scherzo de ancias, arde  
 Em flautas e oboés, na inquietação da tarde,  
 E entre esperanças foge e entre saudades erra...

E, heroico, estalará num final, nos clamores  
 Dos arcos, dos metaes, das cordas, dos tambores,  
 Para glorificar tudo que amou na terra !





# FÓRÁDOS LIVROS



## DO POEMA "B R A S I L"

T E R R A !

Noites de horror... O céu troante,  
Negro, em relampagos aberto...  
Dias de susto... O vento incerto,  
A agua infinita, a frota errante...

A' prôa, immovel e desperto,  
Olhando o mar torvo e espumante,  
Allucinado navegante,  
Que buscas tu n'esse deserto ?

Já para traz todas as ilhas  
Deixaste, ó louco peregrino,  
Em nevoa fria amortalhadas...

E, contra o mar quebrando as quilhas,  
Frota de espectros sem destino,  
Dansam as náos desarvoradas...



MANHÃ DE MAIO .

Lá fóra a natureza alegre e verdejante  
Expande-se ao calor do sol da primavera...  
Gorgeia a patativa um canto inebriante  
E como que sorri, contente, o azul da esfera.

Parece que a campina esplendida e brilhante,  
Em vestir-se de rosa e de jasmim se esméra  
Como a noiva gentil que, tremula e hesitante,  
Com cuidado se veste e o lindo noivo espera.

E enquanto em frente a mim duas pombinhas mansas,  
Mais brancas do que a alma ingenua das crianças,  
Conversam sobre amor, beijando-se em delirio,

E penso em ti, compondo esta canção florida  
Que quizerá enviar-te, ó minha flor querida,  
Escrepta a tinta azul, nas petalas de um lyrio...



N O A L B U M D E

M L L E . I S A B E L P E R E I R A .

Tão densa vae lá fóra a escuridade  
 Tão forte o frio pela noite morta,  
 — Que eu descanso um momento a tua porta,  
 Album gentil, casa da Mocidade !

Um só momento, nada mais... que importa ?  
 Ha-de dar-me a illusão de uma outra idade  
 Este calor, que o coração invade  
 E o espirito cansado me conforta.

Lá fóra, a noite, a solidão, a bruma...  
 Aqui, fulgura a primavera ardente  
 Que todas estas paginas perfuma.

O' morada suavissima da Graça !  
 Junto de ti, um coração contente  
 Para um minuto, gosa um pouco, e... passa.

-).(-

Em viagem, 1902.





## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).